

NÚMERO 1

ASSIGNATURA:

Por mez 500

A REFORMA

Jornal Literário, Noticioso e Commercial.

MEZ 1o

PUBLICA-SE:

Todas ás Quintas-feiras.

Vianna, 8 de julho de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

Compromisso

Este jornal é de propriedade do abaixo assignado, unico responsavel pelos seus artigos editoriaes.

As pessoas que o quizerem honrar com seus escriptos, deverão remetter-os a esta typographia, bem assim para todo negocio tendente ao mesmo jornal.

Responsabilidade solidaria do proprietario, responsabilidade pessoal dos que collaborarem, e dos que mandarem artigos a pedido, são as garantias de moralidade, respeito e independencia, que offerece aos seus benevolos leitores e prestimosos assignantes.

As pessoas que não se dignarem aceitar a sua assignatura, deverão devolve-la no prazo de trez dias; os que assim não fizerem serão considerados assignantes.

Vianna, 8 de julho de 1880.

Tancredo Ulysses de Mattos.

A REFORMA

Vianna, 8 de julho de 1880

Qual astro radiante, surge sob felices auspicios o jornal—REFORMA—; e podemos assim o dizer sem vaidade, porque, elle só vem, e certo estamos que não morrerá no nascedouro, para pugnar pelo bem esta da amada Patria e pelo engrandecimento, procurando todos os meios de fazel-a hobrear com as nações mais cultas e progressistas; e assim tambem, para combater, no campo do raciocinio e em bons termos, os vicios e os maus costumes e tudo quanto causa prejuizo a nossa santa religião, moral, educação da mocidade e a preciosa reputação dos homens sem macula.

Independente, não alista-se sob bandeira de qualquer cor politica, de Gregos e Troianos e seja de quem quer que for, recebe e accepta correspondencias, com a condicção de serem responsaveis os proprios que as escreverem, e não firmados pela negra mão do vil—TESTAS DE FERRO—, que no pollorinho da diffamação e da injuria, assassina a honra e dignidade do homem de bem e das familias, e que sem remorsos e consciencia, só encherção e reconh-cem como seu Deus a noj-nta paga que recebem para sustentarem a miseria em que vivem por sua preguiça e aos hediondos vicios, nos quizes estão enfronhados.

São francas suas columnas tambem para a critica judiciosa e sensata, promoção da agricultura, commercio, artes liberaes e mechanicas, e enfim muito cooperará para a prosperidade e riqueza do Paiz e do povo.

Eis o seu programma; e fazemos votos a Deus, para que, na realisação e cumprimento do que levamos dito, seja protegido por seus assignantes e benevolos leitores.

"Conselho

GRACEJOS

"São muitas as pessoas que querem passar por engraçadas, mas nem todas o conseguem, podendo-se até dizer que ha bem poucas que verdadeiramente o sejam.

Porque não é com chalaças e expressões grosseiras, que escandalisam e muitas vezes tocam a reputação e a honra, que se deve engraciar. Essas que assim praticam são verdadeiros filhos do diabo, de todo o merito, e só pessoas de mau gosto os toleram. É verdade que elles provocam o riso e animam a sociedade, mas isto nada tira de suas mãos effeitos que naturalmente taes chalaças produzem.



A REFORMA

Devemos, porém, distinguir aquelles que, dotados de imaginação viva, desenvolvida pelo estudo, e dispondo de mais ou menos agudeza, discretamente empregam na conversação ditos e phrases chistosas e vão deste modo delirando a sociedade. Estes tam-bém fazem rir a sociedade, é certo, mas a moral não é atacada, o que é essencialismo. Não podem, pois, deixar estes de ser apreciados, porque seus ditos chistosos e engraçados não offendem a quem quer que seja. E se a estas qualidades se ajuntar uma educação esmerada e uma instrução vasta e variada, então maior será o seu merecimento.

Fiquemos advertidos que não é com termos e expressões grosseiras que passaremos por gracejadores de espirito, e que se não poderemos ser um gracejador de merito, contentemo-nos com ser sisudos e discretos."

SECÇÃO GERAL

CORRESPONDENCIA DE PENALVA.

Sr. Redactor.—Acontece que nesta villa, está o expediente do Juiz de Paz acéphalo porque não houve editaes de convocação dos Eleitores e immediatos, para a organização da mesa Parochial, e eleição que tem de proceder-se no dia 1º do mez proximo vindouro, porque o 4º Juiz de Paz officiou ao 1º que achava-se doente, este officiou ao 2º que achava-se com febre, este ao 3º que achava-se em uso de remédios, e este finalmente, ao 4º que achava-se sofrendo dos intestinos.

Orá, se o 4º foi o primeiro a dar parte do doente, já se vê que está acéphalo o Juizado, e assim é preciso que nestas eleições se fação [ainda que sejam de barro,] quinze Juizes de Paz, para que não haja falta quando houver necessidade.

Bem me disse o primo Pedro Buxo, que havia um ponto de nulidade para estas eleições; eu pouco encherço da cousa, porém parece-me que a nulidade que elle diz haver é pela falta dos Juizes, no entretanto pesse ao meu primo que me esclareça este ponto.

Queira Sr. Redactor ver o que vai por cá de bom e de gostoso; se por fatalidade os Juizes do seu torrão principião com a aproximação das eleições a soffrerem tambem de cholicas, estão bem arranjados.

Penalva, 27 de Junho de 1880

Tapereira

Bom meio para achar-se prompto casamento

Alberto, era um moço filho de um lavrador; seu pai, apesar de ser rico não lhe tinha mandado ensinar mais que a ler. Tanto que o moço souba ler e escrever uma carta, seu pai levou-o para a fazenda e ali applicou-o a lavoura.

Tornou-se rustico e apesar de ter um bom coração propenso para as paixões amorosas, não sabia explicar-se e entendia que elle contava a qualquer moça os productos de sua lavoura, a quantidade de gado que possuia, a soma avultada de bizerros ourelhados, era o mesmo que dizer-lhe "Eu vos amo e se assim não fosse, eu não lhe contaria os meus negocios."

Alberto tinha duas primas na cidade que costumava visitar quando vinha tratar de algum negocio do seu pai. Trasia elle sempre mimos para as primas e conhecia-se que elle prestava mais attenção para Honórina, que era a mais moça; por exemplo: se ella dava uma Coiza à Emilia, trasia um Periquitinho mancinho e galante para Honórinda, porém ella não reparava nisto e o nosso casmurro suppunha o contrario. Um dia chegou elle da roça pelo natal e segundo o costume que ha de qedir festas, as moças lhe pediram Alberto disse que traria no dia seguinte. Cumprida a palavra trazendo a Emilia um sabonete e um vidro de extrato de Honórina; ellas agradecerão lhe, porém nem por sombras perceberão a differença do apreço e preferencia que elle dava a Honórina. Ellas o tratavão com a mesma amizade do costume, porém de-se dia em diante elle tornou-se triste e pensativo, vinha vesital-as e pouco fallava, só dando suspiros tão sentidos que mais parecião gemidos.

Um dia já não podendo conter-se, disse a Honórina que cosia de cabeça baixa—Olha prima, aquelle vidro de extrato me custou dois-mil-reis. Honórina olhou para elle espantada, porém levantou-se, foi buscar o dinheiro e disse-lhe: Alberto, eu não te pedi que me fosses comprar o vidro de extrato e quando o recebi foi porque julguei que me fazias mimo delle, se te tivesses explicado ter-te-hia dado logo o dinheiro. Alberto ficou branco da cor do peito de sua camisa, um suor frio banhou lhe o rosto, e com voz, tremula apenas ponde preferir estas palavras:—É que, é que... é que eu... eu quero... eu quero... eu julgava que... sim, pensei que tu... tu entendias

A REFORMA

e foi por isso que... que eu te fiz ver a diferença dos preços; olha o sabonete só custou 320. Pois aqui tens o teu dinheiro e para outra vez não tomes o incommodo de comprares nada para mim sem o meu consentimento.

Alberto com os olhos cheios de lagrimas diz:—Eu não quero o dinheiro, e sim eu quero... eu quero, eu quero... meu Deus! Honorina já com meo diz-lhe:—Que é isto Alberto, estás doido? não te entendo, explica-te! aqui está o teu dinheiro. Alberto dando um gemido disse:—Então tu não queres casá cumigo nhenhen?!—Eu, e que tem isso com o vidro de extrato?—Ingarta pois tu não veis que o vidro custou duas sedulas de dextustão cada uma, e o sabonete somente uma pataca?—Olha Alberto, eu já estou cansada e não te entendo, aqui está o teu dinheiro e eu já volto. Emilia que não tinha presenciado esta scena, entrou na occasião em que elle banhado de lagrimas dizia:—Ah! Ingarta tiras, si tu não querias te casá cumigo, pra que tu não me dixeas?

Que é isto Alberto!? perguntou-lhe Emilia. Por que é que choras? Elle levantou-se e com voz magoadá diz: Eu vou me enganar e nunca mais voceis ouvirão fallar em meu nome. Mas que resolução tão repentina é esta Alberto? Para que queres te esganar inda tão moço? A culpada é tua irmã que me despress; eu lhe dei um vidro de extrato de dois mil reis e ella não viu que se assim eu fazia é porque queria casá culla.

Emilia dando uma grande gargalhada, disse: Ora Alberto, eu tenho recebido muitos vidros de diferentes extratos, porém ainda ninguém me propoz casamento por um vidro de extrato.



Sr. Redactor.—Recebi a sua circular convidando-me para assignante e escritor do seu novo jornal—*Reforma*.

Bem quizerá estar na altura de escritor, [porém de escriptor sublime] para com minha penas, fazer de tal forma realçar o seu jornal, que todos o desejassem e o augmentassem com suas assignaturas.

Mas, que poderes dizer de bom? Eu pobre matuto chafurdado nos pantanos que banhão este desventurado Aquiry, sem luzes e despido de novidades, que poderes dizer alem das eleições visto estar-mos nellas?

Segundo dizem todo cidadão deve pugnar pelo seu direito, por consequencia todo aquelle que de coração for politico, deve dar por paos e por pedras, pelo seu lado e defendel-o sempre que haja necessidade; não intende assim sr. Redactor? Pois eu sou politico tal que deu-se a tal eleição de Juizes de Paz, e eu mettido cá no meu canto nam ao menos por comprazer fui velas, porque entendo—que, quem faz boa politica, é aquelle que em casa fica—Ja vê pois que devo ignorar do que houve por lá; mas porem vou lhe contar uma historiazinha.—

Armado dos meus utencillos de lavoura dispunha-me partir p'ra roça, quando olhando para estrada vi duas nuvens de poeira tão densas, que impossivel seria mesmo a qualquer lince, divulgar alguma coisa através; quiz ver que phenomeno seria e esperei.

Trez cavalheiros montados em soberbos ginetes e com ares de cousa grande, vieram cumprimentar-me e enquanto eu esfregava os olhos entupidos de areia, apertão-se e sem perguntarem-me pela saude, principiãrão a discorrer numa linguagem doce e meliflua, que seria capaz de seduzir a mais casta e pudibunda matrona.

Depois de com seus discursos estudados me fazerem um verdadeiro seica Lourenço, tocarão-me na ferida com esta lâmina de fogo:—Que tem o sr. adquirido nas fileiras conservadoras? O mesmo que os srs. teem adquirido nas fileiras liberais—servirem de capacho para meia dúzia limparem os pés.

Oh! não sr. o liberalismo tem ideias mais vantajosas; o liberal é um cidadão que somente pela sua convicção se recommenda. Bênit! o liberal é um cidadão, enquanto o conservador deixa d'o ser por não abraçar essa convicção! Semilhante disparate proferido pelos srs. que estão encarregados de seduzirem e adquirem patriotas, só podem grangear das affectos, e admira como o chefe incorregon desta missão tão espinhosa, homens inexperientes.

—Que quer o sr. dizer com isto? Nada meus amigos. Sim quero dizer, que o meu arroz se preparou bom e que se delle não tratar, tenho prejuizo.

Graças a Deus os nossos homens sem procurarem se explicar, deram de gambias e deixarão-me rindo dos seus dispartes.

E com esta despesa-me, rogando-lhe que releve as faltas que encontrar.

Aquiry, 6 de Julho de 1880.

O Bôca.

A REFORMA

CHARADA DAS MOÇAS

De primeira ninguém gosta:
Com razão se foga della;
Seja Joanna ou Maria,
Todas tem essa mazella! 1

Coitadinha da que soffre
A segunda;—fica louca!
Atacada da cabeça,
Que remédio, uze touca! 2

Sou velha, mas povoada,
Conservo inda riqueza,
Não tanta como outr'ora,
Disto ha toda cortezar:
Sustenta' uma grei immensa,
Que me suga todo anno,
E de mim colhe bom fructo,
Sem causar-me maior damno.

D. Themothea

— 2 * 1 —
1ª Carta

É hoje meu compadre,
Com grande septisficação
Que vou dizer-lhe o que houve
Relativamente á eleição;
Eu tambem la fui,—votei,
E por-me ao fierco tratei,
Para não acontecer
Sahir com o pello escovado;
Pois eu estava disconfiado
E creio que podia ser.

Do lado principal,
Estava em ala formado
O partido liberal.
La vi um devisado
Que perguntando por favor,
Disserão ser conservador.
Vi o negocio máo
Disserão que os devisados
Erão p'ra não serem enganados,
Na occasião de haver pão!

E o mundo marcha! Esclama
Do sepulchro Pelletam....
Nas crinas corseil de chamma
O horisonte da manhã!
Mentira.... Se eu vejo a rôdo
Povos e reis sobre o lôdo,
Em tripudios funeraes!
E o trovão dos mares mortos
Vem sacudir nossas portas,
Apagar nossos phanies.

Da lavra subtil dum sonho
Que a humanidade sonhou,
Retrahe-se um riso medonho
Do vendaval que passou.
Ri-se o Mócórôca escaldado,
Ri-se o cão acervado
Nas entranhas do porvir....
E os ventos do lago profundo
São gargalhadas do mundo.
Enlouquecido ao esbir!

Mentira! o chão se levanta
De cada sec'lo ao crizol;
E arrasta na nerve planta
Rôta mortalha do sol!
Que importa os lobos dos mares
Arranque dentro os palmetes
Nesta terra a liberdade?!
E Guttemberg desperto
Fira o peito do deserto
E morra dando a civilidade?!

Que importe que dos outeirds,
Vaze a espadua nua,
E os bronzes corcies ligeiros
Roubem a força a charrua?
Qu'importe dum mundo a ontro
Da guerra o indomavel potro
E falleça-se a bramir!
Dorme o mundo em sciencias grata
E o sec'lo arrasta nas patas
O Sudario do porvir.

Nos campos solitarios
Querem erguer a palé:
Os alfanges sanguentarios
Os negros autos de fé.

Ceas! E é no templo sagrado
Ante o Deus crucificado
Que trepudia Satan!
E o mundo marcha! de novo
Brada o entusiasmo do povo
Pela voz da Pelletam.

Ataz da oia sombria
Da cortina do infinito,
—Sus embalsada a ventania
Do povo soffoca o grito.
E as magras foices da morte
São os espectros assustadores!
Como a vaga que se empola
A liberdade desprende-se e rola
Das grimpas dos impostores.

Não lhe digo o motivo
Pra não offender aos senhores,
Que la de improviso
Se tornão em falladores.
Agora bradão liberaes
Que tambem tinham panhaes
Pra não ter convenio firmado
O chefe que não come abelhas
Pois não quiz de suas ovelhas
Ver o sangue derramado.

Aqui compadre não se usa
Da grande intelligencia vasta,
Como o amigo Casusa,
Quando faz suas cartas.
Cada um por si fará
Conforme a musa judar;
Rimar o versinho seu;
Comigo não tenha vergonha,
E com franqueza disponha
Do seu compadre

Zebedeu

Rogamo as pessoas que devem
ainda assignaturas do jornal—Do-
mingo, o favor de virem satisfazer
essas importanciasinhas: pois desap-
parecendo esse jornal, devem tam-
bem desaparecer as conta contra-
hidas com elle.

Imp. por Taueredo U. Mattos

NUMERO 2

ASSIGNATURA:

Por mez-----500

A REFORMA.

Jornal Litterario, Noticioso e Commercial.

MEZ 1o

PUBLICA-SE:

Todas ás Quintas-feiras.

Vianna, 15 de julho de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

LITTERATURA

O PADRE ANTONIO VIEIRA.

Conhecendo o Padre Antonio Vieira, que o povo do Maranhão erão absolutos, ingratos e faltos de caridade, e só reinava uma ambição escandalosa à Deos e à sociedade dos povos, e que estando esta pequena ilha servindo de mãe para criar e preparar um bom povo para o futuro, resolveo-se a pregar um sermão na quinta deminga da quaresma do anno de 1654; pregou elle na igreja maior de S. Luiz, e tomando do evangelho um texto apropriado ao seo intento, recitou sobre a verdade e a mentira, um longo discurso.

Temos juntamente hoje no evangelho (disse elle ao comêço) duas cousas, que nunca podem andar juntas:—a verdade e a mentira.—E porque não podem andar juntas, por isso a temos dividido:—a verdade, no pregador; a mentira, nos ouvintes:—o pregador muito verdadeiro; o auditorio muito mentiroso.

Uma e outra cousa, disse Christo aos escribas e farizeus, com quem fallava. Aqui, contou uma fábula, que disse ser invenção dos allemães; e vinha a ser:—que cahindo um bello dia o diabo do céu, se fixera no ar em pedaços, e estes forão cahindo tambem, cada um em uma terra diversa, onde ficirão reinando os vicios correspondentes ao membrô que lhes coube. Na Allemanha, por exemplo, cahio o ventre; e d'ahi resulta serem os allemães dados à gula, á mesa e á taça. Na França, cahirão os pés, e por isso são os francezes inquietos, andejos e dansarinos. Os braços com as mãos e unhas crescidas, cahirão um em Hollanda, outro em Argel, e d'ahi lhes veio serem corsarios.

A cabeça cahio na Hespanha, pelo que erão os hespanhões famosos, altivos e arrogantes. Da cabeça, coube a lingua a Portugal; aos vicios da lingua erão tantos, que ja delles se fizera um grande e copioso abecedario.

O que supposto; se as letras deste abecedario, se houvessem de repartir pelas varias provincias de Portugal, não ha duvida que o—M—, pertenceria de direito à nossa, porque, M, Maranhão, M, murmurar, M, motejar, M, maldizer, M, malsinar, M, maxicar, e sobre tudo, M, mentir; mentir com as palavras, mentir com as obras, e mentir com os pensamentos. Que de todos e por todos os modos se mentia. Que novellas e novellos, erão as duas moedas correntes da terra, só com esta differença, que as novellas armavão-se sobre nada, e os novellos armavão-se sobre muito, para que tudo fosse moeda falsa. Que no Maranhão, até o sol era mentiroso, porque amanhecendo muito claro, e promettendo um formoso dia, de repente e d'entro em uma hora, se toldava o céu de nuvens, e começava a chover, como no mais entranhado inverno. E d'ahi, ja não era para admirar que mentissem os habitantes, como o céu que sobre elles influia.

Das influencias do clima, tirou então o pregador novas consequencias; e achou que a mentira vinha da ociosidade. Onde o clima influi ocio, [disse o pregador] dá-se a mentira a perder. Nasce, cresce, espiga, e de um não sei que, tamanho de um grão de trigo, podeis colher mentiras aos alqueires.

Estes são os dois vicios do Maranhão, estas as duas influencias deste clima,—Ocio e mentira.—O ocio é a primeira influencia, a mentira, a segunda:—causa e effeito.

Não ha terra no mundo, que mais se incline ao ocio e a preguiça, e ella é a semente de que nasce tão má herva. Onde os homens levantão tantos falsos testemunhos, não pode ser, sinão a peor terra do mundo.—Eis-ahi o engano, em que estão os que não tem pratica interior da terra. No Maranhão é certo que ha muitas mentiras, porem mentirosos isso não: muito falso testemunho, sim; mas, quem os levante, por nenhum caso.

A REFORMA

Pois como pôde isto ser? Eu vo lo direi.

— Nas outras terras, os homens levantão falsos testemunhos; n'esta os falsos testemunhos levantão-se a si mesmos.

Se vos parecer difficultosa a proposição, vamos á prova.

Confessa-se um homem, e chegando ao quinto mandamento, diz:—Padre, accuso-me que desejei a morte a um homem, e o busquei para o matar, e propuz de lhe fazer todo o mal que pudeste.—E porque? Porque me tirou a minha honra com um falso testemunho, de que eu estava tão innocente como S. Francisco.

—Irmão perdoe-lhe para que Deus vos perdõe

Passamos adiante, e chegamos ao oitavo mandamento;—Levantaste algum falso testemunho?

—Não padre, peccado é, de que nunca me accusei. Seja Deus louvado.

Vem uma mulher e diz o mesmo que este peccador disse ao padre no confissãorio.

Isto, que vos puz em dois, acontece infinitas vezes.

Sendo proposto a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas pracas; respondeu, que ambos lhe descontentavam um, porque nada tinha, outro, porque nada lhe bastava.

Christo deu a S. Pedro, duas chaves, uma com que abrisse as portas do Céu, e outra, com que fechasse as do inferno.

Que importaria que Pedro tivesse as chaves das portas do céu, se prevalecessem contra elle e contra a Igreja, as portas do inferno? E cumpria attender a que Christo não dera a Pedro uma chave, sinão chaves;—Tibi dabo claves—, prova manifesta de que as chaves devião de ser duas, e estavam ambas na mesma mão.

Pela extrema variedade das linguas que existião no rio do Amazonas, houve quem chamasse rio de Babel. Segundo os sanctos Padres, houverão setenta e duas linguas somente na torre de Babel, e no Amazonas, fallava-se mais de cento e cincoenta.

Coutinho

SECÇÃO GERAL

CORRESPONDENCIA DA REFORMA

Nada ha hoje tão grato aos ouvidos e ao espirito como seja a politica; é pois sobre ella que devemos fallar. É por causa della que devem gemer os gonços dos prêlos, e é ainda por cauza dellá que devemos chorar.

Sim, chorar... lagrimas quentes que nos requeimem as faces, lagrimas de sangue que nos deixem em verdadeiro torpor; lagrimas de dor, de desespero e de morte!

A politica é uma peste inveterada nas nações; uma peste contagiosa e devastadora que basta o seu contacto para o aniquilamento de tudo e de todos.

A politica, ainda virá com o seu poder devastador, fazer rolar por terra, a pedra fundamental da nossa constituição. E uma vez reduzidos nós a esse estado, ai de ti Brazil enexpertta criança! Abrigarás em teu seio, a guerra, a anarchia, o estermínio, a revolução e morte.

Portugal; Hespanha, França, Roma e muitas outras nações; sentem ainda sobre o peito o pesadello nascido da oppressão politica, que as fez curvarem-se ás mais humildes nações, e onde o sangue dos proprios irmãos corria a jorros.

E o Brazil olha e ri-se para as desventuras de suas irmãs, sem olhar para si tambem digno de compaixão!

A passos largos caminha o transviado para o abysmo da mesma forma que a longos trocos, sorve o Brazil, o veneno que o ha de aniquillar.

Uma nação pacifica como o Brazil, uma segunda Quinquedone nos estados de Flandres, que tinha horror ao sangue e a guerra, e onde a politica só trabalhava pelo progresso e bem commum; vai pouco a pouco sendo theatro de iniquidades e arrastando-se para o abysmo pela devastadura politica.

Quantas familias não chorão hoje a perda de seus chefes assassinados ha pouco em Pernambuco pela politica? Quantos orphãosinhos cobertos de andrajos, não estarão hoje de porta em porta mendigando o pão, em consequencia da politica lhes ter assassinado aquelles que lhes metigavão a fome?!

Quantas donzellas educadas no escriptorio da virtude e honestidade, veem-se hoje atiradas no lodçal da prostituição, porque a politica ivadindo os seus castos dome

A REFORMA

cllios, foi ali semeiar a perdição roubando o chefe da família?!

Eis a politica da actualidade! Eis a—religião—que os pais ensinão aos filhos desde o berço!

É desta forma e em nome da força, que se rouba a justiça, que se mata a virtude, invade-se a honra e aniquilla-se e extermina-se a humanidade.

Sejamnos politicos pois que todo cidadão o deve ser, porem devemos ter em vista que o nosso Paiz precisa de escolas;—abram-se escolas e derrame-se luz por aquelles que vivem em trevas. Que precisa de casas caridosas que abram suas portas aos mendigos e desfavorecidos da fortuna. Que precisa de progresso; estudemos e de mãos dadas com força absoluta, procuremos imitar as nações cultas.

Prossiga a politica com a beneficencia, e nós seremos politicos de coração.

V A R I E D A D E

VINGANÇA DE CIGANO

E o arado, sr. Gaspar, dizia o sr. Monteiro rico fazendeiro do Itapecurú, encarando com olhos prespicazes ao feitor; sim, o arado não é tido e havido como de grande utilidade? Sr. Gaspar, o arado é um util adjunctorio para os estabelecimentos agricolas, assim como a grade e os engenhos que preparão os productos de nossas colheitas.

O sr. Gaspar amarrava o chapéu entre as mãos e o suor arrebatava-lhe dos póros, como bôlhas d'agua em terreno coberto de cinza.

—Nos lugares sonda a agricultura é tratada como filha e não como enteada, tornou o sr. Monteiro, o arado é objecto de grande importancia, e nessas terras o progresso é palpavel, a olhos vistos....

O sr. Gaspar coscou a orelha, depois metteu os dedos por entre os corridos cabellos, orphãos de pente e da escova ha mais de dez annos!

—Não comprehende assim sr. Gaspar?

—Não senhor, respondeu o feitor, eu considero-o inutil no Maranhão.

—Como? Será uma planta exotica?

—Temos grandes mattas, disse o sr. Gaspar, ja acostumado a empregar o verbo no plural....

—Mas essas mattas extinctas?.... tornou o sr. Augusto Monteiro.

—Não lhe dôa a cabeça, patrão, que mattas temos nós em quanto formos vivos, e quando ellas faltarem seus filhos ou netos que cuidem então da reforma de plantar, que empreguem esses instrumentos que nos são desnecessarios actualmente. Quem atraz vier que feiche a porta.... E de mais meu patrão, os escravos são brancos, não sabem lidar com arados. Sou da opinião da derruba, da queima e da capina.

O lavrador sorriu a custa do pobre feitor, que atrapalhado se via com os seus novos projectos agricolas.

—O arado tornou Gaspar, é bom na minha terra, em Portugal, aonde ha pouca terra para cultivar-se. Lá, aproveita-se a menor geira, e industriados camponeses, com um boi, estrumão e plantão sempre o mesmo bocado de terra que lavrão. Aqui, no Maranhão, terras temos de mais, o que nos livra dessa trapalhada, que o patrão está inclinado a adoptar na sua fazenda.

E Gaspar coscou de novo a cabeça em quanto o lavrador estava zombando das afflicções do feitor.

—O Gaspar como não sabe trabalhar com os instrumentos aratorios, quer a rotina, conservando o estado antigo que encontrou na minha lavoura. E' por isso que prega contra o arado, e outros instrumentos proprios para a agricultura. Tranquillize-se; o progresso ajuda vem longe de nós, nem é tão cedo que nos ha de chegar.

Um grande tropel de cavallos atrahio a attenção dos nossos personagens para o lado da porteira ou cancella do terreiro, d'onde partia tamanho barulho.

Não se demorou muito que não vissem apparecer uma caravana de ciganos, montados em toda costa de cavalgadura!

—Ciganos!, disserão ao mesmo tempo, o amo e o feitor, admirados do que vião.

—Oh! do terreiro, gritou de entre os ciganos uma voz rouquenha mas estridente, de diapazão que a musica desconhece, mas muito semelhante ao guincho do gavião quando é perseguido pelos ligeiros bentivis.

[Continua]

A Jakiranaboia

Algumas pessoas attribuem a este animal, do formato de uma borbuleta em ponto grande, qualidades magicas e venenosas, quando elle é innocente e inte-

A REFORMA

ramente inoffensivo, como afirma o Dr. (Medico) Francisco da Silva Castro, que foi residente muitos annos na cidade do Gram Pará em cujos centros è certo que abunda tres insectos que por algum tempo foi o terror dos homens do matto. A jakirabora é um animal da classe dos—insectos homoptéros.—Veja-se —“Histoire naturelle des insectes”—, onde vem descripto sob o nome de—Fulgora lateralis—de Linen. E' uma verdadeira borboleta em ponto grande, cuja cabeça se torna notavel pelo excessivo volume, representando uma protuberancia vesiculosa alongada de estranha configuração. Os indios a tem comparado com a cigarra, e dahi veio chamarem-na —Jakirana— (cigarra em lingua topy); e como julgão-na venenosa, acrescentão-lhe o epitheto de—boia—que na mesma lingua significa—cobra—, e por isso muita gente lhe chama—cobra de azas—. No entanto este insecto é innocente, e inoffensivo; e tudo quanto se conta de estragos e morticínios por elle causados em tripulações de canoas, em aldeias de indios, nas roças &c, não passa de uma mera historia fabulosa e imaginaria, adrede arranjada para amedrontar os espiritos ignorantes, e credulos. Habita nas —Guianas—, e dalli costuma emigrar no verão para diversas partes, indo mesmo a grande e longinqua distancia, por onde se espalha. Tem apparecido algumas destas —porte lanterne—, como imprópriamente lhe chamão os francezes de—Cayenna—nas cidades de Itapicuri mirim e de Caxias.

Os erros populares, que tem vigorado sobre as qualidades perigosas e delecterias deste singular animal, vão cahindo por terra, e poucos são hoje os que ainda acreditão no mortal ferrão, que ao peito lhe sahe, para dar cabo das outras especies de viventes. Consta que nesta cidade, ja este anno appareceu em casa do sr. Torquato Muniz um ou dois destes insectos, cuja appareição não deixou de inspirar o antigo terror, que deve ser de uma vez banido, a vista do que fica acima escripto.

Vianna, 13 de Julho de 1880

ANNUNCIOS

O abaixo assignado, socio fundador da sociedade União, vem communicar a todos os socios, da mesma que acha se de novo trabalhando, visto ja ter passado-se a interrupção occasionada pelo o inverno que prohibio os trabalhos. Espera encontrar da parte dos socios a mesma força de vontade e saptisficação, com que tem sustentado essa util quão beneficiente sociedade.

Vianna, 14 de Julho de 1880

Raimundo Euzébio Mendes.

Pechinchá

Os verdadeiros barateiros estão resolvidos a venderem agora os seus generos com uma redução de preços tal, que os seus freguezes ficarão pasmos, por isso convida os a virem visitar o seu estabelecimento para acapacitarem-se da verdade.

Socero & Maia

Grande novidade

O—BAZAR DA VISTA ALEGRE—completamente sortido de fazendas Inglezas, Francezas e Allemães recentemente chegadas da capital, está franco para o publico Viannense, podendo ser visitado a qualquer hora. Além da grande variedade de fazendas que tem, tem tambem muitos extratos finos de de diversos auctores, brincos e aneis de qualidade superior, voltas e adereços chiks; agulhas e linha para machinas, e finalmente uma infinidade de fazendas e miudezas que seria massante descreverem-las.

Vinde freguezes que vereis a sublimidade do Bazar.

Rogamos as pessoas que ainda devem assignaturas de jornal—Domingo—, o favor de virem saptisfazer-las, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes estampados nas columnas deste jornal

Imp. por T. U. Mattos.

A REFORMA.

ASSIGNATURA:

Por mez-----600

Jornal Litterario, Noticioso e Commercial.

PUBLICA-SE:

Todas ás Quintas-feiras.

Vianna, 22 de julho de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção.—Rus Grande.

LITTERATURA

O PADRE AETONIO VIEIRA

As suppostas herezias do Padre Antonio Vieira, não são mais que extravagancias, nascidas do seu gozo, da singularidade, e de certo torção original do seu espirito no modo de propor as cousas.

O Padre Antonio Vieira pregou um sermão do Santissimo Sacramento em Lisboa no anno de 1645, o qual offerece um exemplo notavel da maneira habitual com que tractava os assumptos theologicos, e bem podia figurar, pela sua incongruencia, entre os denunciados á Inquisição.

Propoz-se elle a provar a verdade do misterio da eucharistia, e a forma que preferia, foi a da refutação de todos os seus inimigos, que não eram menos de sete, um judeu, um gentio, um herege, um philosopho, um politico, um devoto e o proprio diabo emfim.

Quando chega ao ultimo, depois de o comparar com o politico, chasquesando na forma do seu costume, continúa por este theor: O primeiro inventor (ninguem se espante do que digo) O primeiro inventor do traço ou do dezenho do misterio da eucharistia, foi o demonio. Quando o demonio tentou a Eva, disse-lhe assim:—Comei do pomo vedado, por que no dia que comerdes, ficars como Deos.

—Eis aqui o misterio da eucharistia, não só quanto a substancia, sinão tambem quanto aos effeitos.

Quanto a substancia, porque, diz o demonio, que está a divindade em um pomo; quanto aos effeitos, porque diz, que comendo-o o homem, hade ficar como Deus.

Pois vem cá diabo. Se tu dizes que o homem comendo ficará como Deus, e que no pomo d'aquella savor está encoberta a divindade, como negas, que pôde estar encoberta a divindade debaixo das especies de pão; e que comendo, o homem pôde ficar como Deus?

O que Christo nos concedeo neste misterio, é o que o diabo nos prometteu no paraizo.

Fez Christo verdadeira a mentira do diabo, para desta maneira vencer a elle, e desaffrontar a nós.

Christo fez da sua promessa dadiva, e da sua tentação sacramento.

Da promessa do demonio fez dadiva, porque nos deo a comer a divindade que elle nos prometteu comendo; e fez da sua tentação sacramento, porque consagrou debaixo das especies de pão o que elle fingira debaixo das apparencias do pomo.

De sorte que o demonio ficou vencido, porque a sua mentira, ficou verdade, e o homem desaffrontado, porque o seu engano, ficou ló.

O que creram nossos primeiros pais no paraizo, é o que nós cremos no sacramento:—elles erradamente ao diabo, nós acertadamente a Deus.

Continho

SECÇÃO GERAL

Sr Redactor vou contar-lhe uma historiasinha que se passou ha pouco tempo nesta nossa boa terra.

Eduardo era casado com uma dessas mulheres, por quem não veio ainda mal neste mundo.

Anna, era o seu nome, muito simples e tendo tido uma educação bastante acanhada, ignorava tudo, que não fosse limitado a seu trabalho domestico, fava, tecia, redes, cosia, fazia renda, mas não sabia ler.

Tendo Eduardo feito uma viagem a uma villa distante, recebeu Anna uma carta delle em occasião em que estava em companhia de algumas amigas que a tinham hido visitar, e não querendo que ellas soubessem a sua ignorancia, lançou mão da carta com desembarço e diz: vejamos o que diz o meu querido Eduardo. Abrio a carta e depois de fingir que a tinha lido, entrou a rir-se com tanto gosto que convenceu

as amigas que tinha motivo forte para isso, dizendo a ellas:—Não reparem, Eduardo quando me escreve diz-me sempre tanta coisa engraçada, que eu não posso conter o riso.—A carta dizia assim:

"Minha querida Anna, é com a maior afflicção que escrevo esta, pois estou preso e accusado de ter assassinado um homem, em cuja casa estava eu hospedado; hoje mesmo devo seguir para capital, e não sei o que farão do teu pobre Eduardo. Ah! só tu minha boa Anna sabes o quanto sou incapaz de commetter uma tal acção. O que será de ti e dos nossos filinhos minha querida Anna? Que dor! que afflicção em que me vejo! Tem coragem minha querida Anna, Deus sabe a minha innocencia e terá compaixão de nós!

Adeus minha unica amiga neste mundo, beija nossos filinhos por mim, e tu recebe o coração cheio de afflicção do teu fiel esposo—Eduardo

Desta carta coberta de tristessa, é que Anna achou tanta graça a ponto de rir-se com gosto da desventura do seu marido. A ignorancia é censurada e mais deve sel-a quando ajunta-se a presenção.

Correspondencia de Penalva

St. Redactor, lendo o seu conceituado jornal—Reforma—de 10 de Julho, nelle deparei com uma correspondencia assignada por minha finada prima Tapeireira, na qual me pede explicação sobre a conversa que tivemos respeito as nulidades das eleições. A minha resposta não serve mais para a minha prima, porque vou sempre dizer para aquelles a quem convier o que tenho ouvido os brancos dizerem e mesmo tenho lido na cartilha de frei Curuba, no art. cento e mil e 60 e 20 que diz; não havendo convocação dos Eleitores e immediatos para a organização da mesa, será nula a eleição; é isto que resa a cartilha de Curuba e o mesmo que dizem os homens grandes da terra.

Ja vamos sentindo bastante falta de peixe, falta esta que ja vai se tornando bem sensivel. As calamidades fugirão, alguma perseguida que apparece é vinda do Barro Vermelho, porem tão miudinhas que são preciso nove para pesarem uma libra, que a qui

vende-se por 100 reis. A vegetação filha dos nossos amados tumburuns, está em seu auge e mais parece isto matta que villa; as ruas quasi intransitaveis escondem os transiutes no matto que nellas cresce, a praça não se falla pois ja é bem difficil encher-se a igreja através do matto. E a camara olha isto com o mesmo indifferentismo com que nós a olhamos, miseria! Vi um edictal na porta da igreja relativamente ao sorteio, deve ser bem feito este trabalho, logo fallarei nelle com minuciosidade.

A farinha com quanto estej barata não se encontra, porque dizem os fabricantes que preferem perder a mandioca que venderem a farinha a 500 reis. Milho ha muito pouco, na minha roça colhi só 10 mãos estou agora tratando do corte de arroz, ja tenho no paiol trez quartas porem tenho fé que na soca encho meu calombo. E com esta até outra vez.

Pedro Buzo

Eleições do outro tempo

Em Pernambuco na eleição de deputados à assembléa constituinte do nosso Imperio, alguns cidadãos idoneos e habilitados responderão com admiravel candura de coração e desinteresse, ao dizer-se-lhes que serão eleitos:—Não, não tenho capacidade, não sirvo para tanto—

O esplendissimo arcebispo da Bahia, o fallecido marquez de Santa Cruz, escrevendo a um seu amigo, pediu-lhe que empregasse todo o seu valimento para elle não ser eleito deputado geral, porque não tinha a necessaria capacidade!

O Visconde da Pedra Branca, illustrado patriota, da Bahia, muito se empenhou para não fazer parte de uma lista triplice, sendo a seu pensar escolhido senador, tomou assento, fallou uma só vez para agradecer ao povo a eleição e ao monarcha a escolha, e retirou-se para não mais ir ao senado, dizendo que o unico serviço, que podia prestar ao paiz era perder o direito de receber os seus vencimentos.

Hoje, o que vemos? É melhor não fallar nisto.

Vianna, 20 de Julho de 1880

A REFORMA

VARIETADE

Vingança de cigano.

(Continuação do n. 2)

O que quer aqui esta gente toda? perguntou o lavrador a seu feitor, sem responder aos visitantes de além da porteira.

—O costumado, respondeu Gaspar: vender, comprar, trocar e furtar: chamão—bragunhar—entre si, e o fazem descaradamente a luz do dia. O patrão os deixa entrar?

O lavrador não teve tempo de responder ao Gaspar, quando vio a cancella aberta e entrando no terreiro uma bella cigana, montada em fogoso cavallo alazão.

Esvoaçarão os pombos, as galinhas fugirão, e foi tudo algazarra entre a bicharia, não acostumada a ser esbarreada por tal forma.

A cigana montava como habil cavalleira que era, e, sofrendo o animal, este genetiava como um cotia e pulava como uma onça.

O sr. Monteiro assentou-se e o sr. Gaspar arregaleu os olhos, para melhor admirar a destreza da recém-chegada amazona! Era a cigana uma linda menina de 15 a 17 annos; morena como a casca do anjê, com os cabellos soltos e corridos, tão negros como os olhos e estes como a escuridão.

Trajava ligeiro vestido de cambráia branca com florinhas matizadas, e um pequeno sapato de couro de lontra revestir os delicados pés, que nã occultavam-se nelles.

Brincava nos labios da interessante cigana o riso do indifferentismo, ao ver corvear o animal, que ensinado para enganar aos incautos, parecia ardego e indomavel, quando não passava de lerdo e surdeiro!

—Vê, patrão, sem o sim-de V. S. entrou a bella cigana—e verdade seja, tambem não lhe destes um não—como esse que tenho para mimosiar a esta casta de saltadores, que infestão e devastão os nossos sítios.

O rancho dos ciganos, parado na porteira, examinava as diversas evoluções que o cavallo fazia e acompanhava todo aquelle jogo, com ditos de—segura-te, minha Sania! Aguenta-te, Esperanza! Acomodate, Relampago!—

O lavrador nada dizia, e o feitor examinava a ci-

gana com olhos avidos e perigosos.

O —Relampago—, assim chamavão os ciganos ao cavallo em que a bella amazona vinha montada, o —Relampago—deu um salto ao signal da cavalleira, e toda ciganada varou a barra e apoderou-se do terreiro, com fingido terror de que Esperanza fosse victima do endemoninhado cavallo alazão.

O pobre animalejo bufou, cavou e rinchou; mas ja a linda cigana estava de pé.

Esperanza de um salto tinha libertado-se do —Relampago—e foi recolher-se no seio dos seus, com os quaes ja estavam os Srs. Monteiro e Gaspar, involuntariamente arrastados para o terreiro, levados pelo instincto humanitario de serem uteis a Esperanza.

—Ganjão disse a agil amazona ao sr. Monteiro, teve pena de mim?

—Tive receio, senhora, respondeu o lavrador arredando-se com delicadeza de toda essa casta de gente, para quem não ha lei, nem governo.

O sr. Monteiro voltou a casa, mas o feitor Gaspar aproximou-se de Esperanza, para admirar-a de perto.

O terreiro ficou cheio de trouxas, malas, alforges, sellas arriejos e mil outras bugigangas da tropa. Velhos, crianças, mulheres homens, todos erão cõr de bronze e os melhores tinham a tez como a de Esperanza. Gaspar chegou-se para o patrão e disse:

—Então o patrão vê como os que cuidão dos animaes dão de beber no cocho? Vejão; levão para as estribarias—e os negociantes varejão os ranchos.

O sr. Monteiro admirava as evoluções equestres d'aquella caravana.

As mulheres sentadas sobre trouxas de roupa tocavam violas, as crianças dansavam e pulavão fazendo gritar as araras; homens e bichos davão espansão as suas boas e conhecidas obras.

—E agora o que devamos fazer? tornou o feitor.

—Vigiar os ladões e não negociar com os honrados. Tenha paciencia sr. Gaspar, o sr. não desgostou de ver a tal Esperanza....

—Mas se ella é bonita....

—O sr. Gaspar estará apaixonado?

—En! replicou o feitor, seria mais facil seccar o rio Itapecurú, do que o meu coração sentir amor.

(Continúa)

A R E F O R M A

ANNUNCIOS

Fazendas brancas

Morins, elephantes, paninhos, domesticos de varias
marcas, platilha para toalhas o lençõas, mussa-
linas, brins de tinto e algodão, cambraias e
camisas de meias.

CHITAS

Sortimento incomparavel e sem competidor,
pela grande diversidade de padroes bo-
nitos, desde o percales, pom-
padour, camponexas
carmezin, baptistas

até as cambraias para barato
200, 220, 240, 260 e 360 68 cm.

Especialidades

Fitas de setim
Rendas de ponta. Meias
para crianças, meninos, homens
e senhoras. Variadissimo sortimento.
Lãs para vestido a 400. Botões para
enfeites de vestidos. Chapas enfiadas
para crianças. Ditos para homens. Luvas
pretas meia mão. Collarinhos para homens
Gravatas estreitas e de laços para homens
Metins preto, pardo e de cores. Lençõs brancos de
linho embastados. Ditos algodão. Ditos com cer-
caduras. Bonecas nunca vistas no mercado. Guarni-
ções de pentes dourados. Pentos pretos e de cores pa-
ra cok. Guarnições para punho e peito. Medalhas,
voltas, aneis e brincos. Adereces pretos de vidro.
Cadarço para cós. Ditos de lã e seda. Thezouras
finas. Perfumaria dos melhores fabricantes—Tudo
barato e sem competidor

—No BAZAR DA VISTA ALEGRE—

(Continuando)

Raimundo Paulo Alves Pinto.

ATTENÇÃO

Manoel Benévinto do Nascimento, gratifica com
20\$000 reis a quem lhe descobrir o auctor do furto
feito em a casa do seu sitio na tarde do dia 19 do
corrente.

O ladrão sem de todos os utensilios de cosinha,
levou mais 1 bahu de flandre pintado de azul.

PECHINCHA



O abaixo assignado, tem para vender quatro gordos
e bonitos carneiros proprios para mimo ou forno;
quem os pretender dirija-se a casa do annunciante
que não deixará de fazer negocio.

Vianna, 21 de Julio de 1880

Raimundo Euzébio Mendes.

A PEDIDO

MOTTE

Em que parte a donzella,
(Respondam façam favor);
Podem ler sem receio.

As suas cartas de amor?

Pede-se a glosa.

E. de B.

Por motivo da molestia da parte do impressor
deste jornal, deixou elle de sahir hontem conforme
seu costume; pelo que pedimos aos nossos assignan-
tes, queirão relevar-nos essa falta involuntaria.

Imp. por T. U. Mattos.

NUMERO 4

MEZ 1º

ASSIGNATURA:

A REFORMA

PUBLICA-SE:

Por mez.....500

Jornal Litterario, Noticioso e Commercial.

Todas as Quintas-feiras.

Vianna, 29 de julho de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

LITTERATURA

AMOR DE UMA MULHER

Na obra intitulada—Anedoctas da familia Percy,— antigo manuscrito publicado em 1320, entre muitas curiosidades se lê a seguinte noticia a cerca da nãy do famoso archbispo Thomaz á Backett, conhecido no orbe catholico pelo nome de S. Thomaz de Cantuaria, e que tão notavel papel fez na historia ingreza da idade media. O pai de Thomaz Backett, que chegou a ser um dos mais ricos burguezes de Londres, chamava-se Gilbert, e seria na sua mocidade, como soldado nas guerras das cruzadas. Tendo sido aprisionado, ficou escravo de um emir ou principes sarraceno. Pouco a pouco foi merecendo a confiança de seu senhor, e chegou a ter entrada e privação com elle, e nesta intimidade achou uma pessoa que o amou—era esta uma filha do emir.

Não se sabe ao certo como passados tempos elle pôde fugir; sabe-se porem, que tornou para Inglaterra. Não tardou em seguir o a pobre rapariga que o amava: sabia a moura apenas duas palavras ingrezas, London, e Gilbert. Repetindo a primeira, pôde arranjar passagem a bordo de um navio, aportar em Inglaterra, e chegar á capital. Recorreu depois ao outro talisman, e começou a andar pelas ruas repetindo a palavra Gilbert. Por onde quer que passava, o povo se apinhava ao redor della e lhe fazia mil perguntas, a que não podia responder, sinão repetindo mil vezes Gilbert.

Não foi vã a sua esperança neste nome. O acaso, ou a constancia de correr todas as ruas a trouxe, enfim, aquella em que morava, já com grande abastança, o homem que na escravidão lhe captivara os affectos. O muito povo, que seguia sempre a formosa moura, deu azo a que chegasse a janella um creado de Backett, que estivera com elle na Palestina, e que logo conheceu a filha do emir.

Gilbert correu a abraçar a princessa, que só com um nome querido soubera encontrar seu amante; e no dia seguinte ella era sua mulher.

SECÇÃO GERAL

Aquity 27 de Julho de 1880

Sr. Redactor.—Em primeiro lugar sua preciosa saúde e do seu conceituado jornal, que são para mim objectos enxtimaveis, e o depois então, rogá-lhe que me desculpe pela demora havida de minha parte, em dar-lhe noticias minhas e do meu Aquity.

As febres não deixam erguer-se cabeça; esta maldita peste tem me dado uma sova tal, que estou tão desfigurado a pontos de vacilar diante do espelho, si eu sou eu mesmo. Iria com semelhante vesita, estou vendo até mesmo perder parte do meu arroz que já todo de bage pendida ameaça estragar-se.

A cefalaea com quanto remedio efficaz para as taes febres, no entretanto ja poder nenhum tem sobre ellas, confessou-se vencida e ja nem serve para attenuar as dores das febres: mas porem, deixemos as febres de banda e vamos rabiscar um pouco.

Ahi estive no dia da—benzidela—do cemiterio novo, e ao ver a concurrencia de cavalheiros e senhoras que seguiam para o sitio ja indicado, tambem tomei o meu rodak de ver a Deus e dei de gambias para lá a fim de presenciar a cerimonia.

Muita gente, muitas flores, alguns foguetes e um pedaço de musica impetente e aborrecido, assoviando em instrumentos de pio e de metal, mas com tal enjo que a não ser o sublime clarinete de João Thiophilo e o melifluo baixo de Marcellino Castro, unicos que se podião ouvir por serem eximios na arte; creio que o povo fugiria amedrontado. Pegaram agora os seus musicos com uma polka e valsa que dizem serem novas, porem que as ouvi tocar em 1860 quando por cá andou o—celebre maestro Lucca—que tirava sons de sua flauta de ebre que ainda ouvia

A R E F O R M A

o pôde competir até agora,—que é uma verdadeira dor de barriga. Boa lembrança daquelle que crismou a nossa musica por—carne secca.

Mas porem como ia dizendo, estava o cemiterio repleto de povo, no entanto notava-se certa agitação da parte dos tutumquês que faziam a honra da festa; faltaria alguma coisa?

Sigam, sigam, bradou uma voz rouquenha porem estridente, e todos derigiram suas vistas para alem do portão donde a passos lentos vinha em companhia do seu sacristão, o nosso cura. Os musicos a o ouvirem a voz de advertencia—sigam—largaram-se em desfilada ao encontro do Vigario que espantado do que via parou estupefacto. Ah! charo Redactor, ah! é que foi balburdia! O director não disse aos musicos o que hja tocar e sendo elle o primeiro a chegar, metten o seu instrumento no queixo e principiou a executar uma parte de quadrilha, os outros como estão acostumados somente com a tal valça e a polka, uns tocavam uma e os mais tocavam a outra; até o homem do bombo que na retirada perdeu a mão de pilão ou badalo com que toca, cahio de murros na barriga do pobre bombo, que o bixo deixava escapar um som abafado e parecia pedir misericordia.

O Vigario não podendo supportar aquelle barulho infernal, deixou da parte cerimonia e etiquetas e mesmo desprezando o seu rheumatismo, tratou em fugir para o cemiterio onde o esperavão; porem Camillo que tinha ficado entredito quando deu falta de seu superior, largou-se a correr em tamanha desfilada, que parecia uma serigaita ou furia fugindo de alguma persiguição. Ia tão accelerado, que a caldeirinha que levava, deu na cabeça dum pequeno que quasi mata. Filismente em pouco se restabeleceu a ordem, e ja se ia dar começo a cerimonia religiosa, quando o homem do bombo achou a vaqueta, e para desempenhar-se do papel triste que havia feito, executou uma variação em menor no bombo acompanhado na caixa pelo Patinho, que mereceu geral applauso.

Dau-se começo a cerimonia e eu que esperava ouvir alguma voz pungente que fizesse ralar o coração demonstrando o fim do homem e a serventia daquelle casa lugubre que então se festejava, fiquei chupando no dedo, pois d'entre tantos cavalheiros nem siquer um teve coragem de dizer imitando um nosso poeta Viannense que chorando a perda de um seu amigo, escreveu nas paginas de seu album:

“Oh! morte! morte tyranna!

“Que roubas para sempre a vida humana!

Quando deixei o cemiterio era ja noute, e qual não foi a minha admiração vendo ja na cidade 5 fardas com pretensões de lampeões illuminando as ruas! Disse com os meus botões, os ars. conservadores como estão para deixar a pasta, querem dar um suspiro antes da morte; mas qual meu amigo, disse-me o Assis [que ja não pertence a esse bando,] que estes rezam pela mesma cartilha que os outros, e que os lampeões são de particulares e não da camara. Eu logo achei impossivel que a camara fizesse tão louvavel rasgo.

E com esta, passe por la muito bem: que ja tornei-me massante, em quanto eu vou por cá durando conforme diz o Chico das Neves.

Bôcca

SOCIÉDADE 2 DE NOVEMBRO

O Presidente da—“SOCIÉDADE DOIS DE NOVEMBRO”—, convoca aos mais membros da mesa para em sessão extraordinaria no dia 1º de Agosto proximo, tomar as contas ao administrador da obra do novo cemiterio e reconhecer os direitos dos socios. Convoca tambem a todos os socios em geral, para no dia 8 do mesmo mez, se reunirem em assemblea geral afim de resolver-se quanto a reforma dos estatutos na parte que julgarem necessaria, e fazerem as declarações exigidas no art. 12 membro 2º dos ditos estatutos.

Vianna, 27 de Julho de 1880

Murcellino Jose Francoza.

V A R I E D A D E

Vingança de cigano

(Continuação do n. 3)

O sr. Augusto Monteiro contava quarenta e cinco annos de idade, era de estatura regular, cabellos castanhos ja salpicados de branco, olhos azues, cutis

A REFORMA

clara e rosada.

Notavase-lhe um nariz um tanto grosso para ser perfeito, e com tudo não era isso o que desfeizava a phisionomia franca e alegre que todos reconheciam no sr. Monteiro; seu metal de voz era forte e vibrante sem offender os tympanos de quem o escutava.

Sendo gordo, tinha porções para engordar ainda mais. Concorria para isso o ser muito abastado, assaz commodista e pachorrento, vivendo, portanto em santo ocio.

O sr. José Gaspar era o antipoda de seu patrão! Magro e espigado, com olhos negros e negros os cabellos corridos e emmaranhados; o rosto acivado de marcas de barbas e possuindo uma voz fina e aguda como a da sirriema. Era vivo e esperto, muito embora sem instrução ou intelligencia para comprehender as vnatagens que trazem os instrumentos aratomicos.

O sr. Gaspar era um bom feitor. Barulhento, fallador e grilha; com mais gosto supportava-se da que a elle a essa tropa de ciganos que invadirão o terreiro da fazenda, chegando a incomodar o cão de fila, que rosnava raivoso, por ter sido despertado, contra o costume, e achar-se preso a grossa corrente de ferro, que o detinha em seu cubiculo.

Os ciganos de proposito e calculadamente amotinavam a terra e o céu. Esperanza industriada pelos vellos ciganos para entreter ao sr. Monteiro o feitor, derigio-se a varanda, aonde os donos estavam, dizendo:

—Ganjão, dá licença?

—Pode entrar, respondeo o sr. Augusto fazendo signal ao Gaspar para trazer cadeira a visitante.

—Meu ganjão, tornou a bella amazonas, eu quero dispor do alazão Relampago, e como elle é cavallo de marchas certas e brioso, por gratidão a meu ganjão, desejo braganhar-o aqui....

—Não necessito de cavallo, tenho magnificos, disse o fazendeiro; por isso não negocio com a senhora.

—Ah! meu ganjão de olhos do céu—não me falle assim. Não quero dinheiro.... recebo objectos de necessarios.... O ganjão teve medo do cavallo? Não é dragão, pelo contrario, é docil e manso como o cordeiro e bom como sombra da aivore a que nos abrigamos no ardor do sol.

—Sinto não poder negociar, tornou o sr. Monteiro, mas o sr. Gaspar talvez queira o Relampago....

O sr. Monteiro maliciosamente metterá o feitor na conversa, temendo vel-o estourar, se continuasse calado por mais alguns minutos.

Esperanza voltou-se para o sr. José e com ar risinho fallou:

—Ganjão é Gaspar?

—Sim—linda Esperanza, respondeo o feitor, machucando uma mão na outra como se as quizesse amassar.

—O ganjão é alegre....

Gaspar lançou olhares ternos, e suspiros cheios de reticencias á bronzada feiticeira.

—E o ganjão quer braganhar o Relampago? tornou a cigana. Não carece mecher no mealheiro, recebo em troca o cavallo russo pombo que vi na estribaria....

—O Belja-flor—do patrão! isso não; se a menina quizer trocar pelo mellado, caxito.... pelo Borbuleta....

—Chama-se Borbuleta o seu mellado? Pois bem; recebo o mellado Borbuleta e aquella espingarda aparelhada de prata que vi no canto do quarto ao entrar para aqui.

—A minha espingarda de cano real não entra nos negocios de meu feitor.

A cigana tinha conhecimento dos objectos que devia pedir em troca do alazão, graças aos vellos companheiros, mas a obstinação do rico lavrador frustrava os planos da emissaria dessa tropa de piratas.

(Continúa)

A PEDIDO

Bravos

Ja a nossa Viança,
Vai tendo galenteria:
Pois no domingo passado
Trez jantares heuve no dia

Um foi de S. Thiago
Outro da Bastião;
Um em casa do Plinio
Por causa duma funcção.

Na casa do Cordolino
De quem mesmo vou tratar:

A R E F O R M A

As quatro horas da tarde
Quando botou-se o jantar:

Eu ia passando na rua
Carregando muita mala;
Estava fazendo um prato
O Grigório—barba rala.

Tinha uma mesa servida
De pato, porco e galinha;
Na cabeceira trinchava
O meu amigo—Bundinha

A noite teve tocata,
Dançou-se e houve rodinhas;
Servia de mestre-sala
O Alexandre Pinguinha.

O—coronel Chico Pinto
Dançava como um boneco
Nha Belina namorava
Um tal—commendador Jeco

Até—Joãozinho Pissica
De amores com a Privada;
Quasi que jogão os murros
Elle e a namorada

Até o nosso—Gengibre
La estava na folia;
E não largava do braço
Nha Florencia—língua fria.

—O grande Pinto de Almeida
—Com seu casaco comprido,
Pela—menina Thamothea
Estava de amores perdido.

Estava boa a função
La enchi o meu pandulho,
Correu tudo em boa ordem
Não houve nenhum barulho.

Um convidado

A N N U N C I O S

Novidade

Cigarros sympathia
Ditos Estrella do ocidente
Ditos a compadre Lourenço
Ditos Bahiannos verdadeiros
Ditos imperiaes
Ditos exposição verdadeiro
Ditos amarelos
Charutos ponta de retrós
Fumo bahependy bom
Dito de molho garantido
Mortalhas a 100 reis

Vente-se tudo isto de forma tal, que o freguez admirado não deixará de voltar —NO BAZAR DA VISTA ALEGRE— DE

Raimundo Paulo Alves Pinto

Sociedade Fraternidade Vian-nense.

Domingo 1º de Agosto haverá sessão desta sociedade na casa do costume, para qual se convida os ares, mesarios e supplentes a comparecerem.

Vianna, 28 de Julho de 1880.

O Secretario

Manoel João de Barros Lima.



O abaixo assignado, tem para vender quatro gordos e bonitos carneiros proprios para mmo ou forno; quem os pretender, dirija-se a casa do annunciante que não deixará de fazer negocio.

Vianna, 21 de Julho de 1880.

Raimundo Euzébio Mendes.

Imp. por T. U. Mattos.

ASSIGNATURA:

A REFORMA

PUBLICA-SE:

Todas as Quintas-feiras

Por mez de 500

Jornal Literario, Noticio e Commercial.

Vianna, 5 de agosto de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

LITTERATURA

A NOITE

Oh noite, quanto tua linguagem é sublime! —

Que eloquente poema offerece o espectáculo das noites regimadas de estrelas. As nossas almas? Quem é que não se sente pascmo na contemplação dos mundos radiantes que balancão-se sobre nossas cabeças, e que, em profundo scysmar não tem procurado a decifração do grande enigma da criação? As horas solitarias da noite são na verdade as mais bellas de todas as horas; a poesia acha nellas as suas sublimes inspirações, o amor encontra nellas os seus divinos mysterios, nellas encontramos a faculdade de pôrmos-nos em communicação intima com a grande e santa natureza. Longe de envolver em trevas o universo, a noite espalha a que o sol derrama sobre a atmosphera. O astro do dia nos rouba e occulta os esplendores do firmamento; e durante a noite que os paoramas do céu nos são abertos.

"A hora da meia-noite, dizia lord Byron, a abobada do céu está semeada de estrellas semilhante á ilha de fogo no meio de um oceano suspenso sobre nossas cabeças. Quem as pôde contemplar e depois baixar o olhar estatico sobre a terra sem experimentar uma triste dor, e em seguida desejar asas para voar e confundir-se entre seus clarões immortaes?"

No seio das trevas os nossos olhos são elevão livremente para o céu, penetrando pelo azul carregado da abobada apparente, a cima da qual os astros brilhão e resplendem. Elles atravessão as brancas regiões constelladas, visitando os paizes remotos do espaço onde as estrellas as mais brilhantes perdem o brilho pela distancia; elles transpõem e dobremontão esta extenção inexplorada e sabem vis alto ainda até encontrarem essas nebulosas palidas cujo clarão diffuso parece assignalar os limites do visivel.

Neste immenso tracto da vista, o pensamento qual vôo ligeiro e rapido acompanha o raio visual, elevando-se e contemplando com espanto esses remotos esplendores. A pureza das vistas celestes desperta esta eterna predisposição para a melancolia que reside no fundo de nossa alma, e logo depois o espaticulo da natureza nos abysma em uma chimera vaga e indifinivel. E então que milhares de questões brotão em nosso espirito, e que milhares de pontos de interrogação se formão deante de nossa vista.

O problema da criação é um grande problema!

A sciencia das estrellas é uma sciencia immensa; sua missão é de abracar e comprehender a universalidade das cousas creadas!

No deslizar destas impressões parece que o homem, que não sente algum sentimento de admiracão deante do esplendoroso quadro das estrellas, não é digno ainda de receber sobre a sua fronte a corôa da intelligencia?

A noite é certamente a hora da solidão, onde a alma contemplativa se reginera na paz universal. Recolhe-se, izola se da vida facticia do mundo, e põe-se em communicação mais intima com a natureza, com a verdade.

Aquelle que cantou as noites, na lingua de Newton, Edvard Joung, entre os hymnos que inspirava. Dediho em sua lyra mimosa, exclamou: "Oh noite magestosa! tua fronte tenebrosa está ebroadada de estrellas; as nuvens misturadas pelas sombras e dobrando-se em milhares de contornos diversos compõem a immensa roupagem da tua veste brilhante. Oh noite! tua sombria grandeza é o que a natureza possui de mais tocante e de mais augusto. Minha musa reconhecida te deve versos. E que assumpto é mais digno de ser cantado pelo homem?"

(Continu)

SECCÃO GERAL

Sr. Redactor—Lendo seu jornal n. 4 de 29 do mez p. passado, nelle deparei com uma correspondencia assignada pelo—gracioso Bôca—na qual pretende com suas grosseiras criticas—fazer vir os seus benevolões assignantes, sem lembrar-se que tão longo está elle de ser escriptor, como eu de ser frade.

Não trepidou o sr. Bôca trazer para enfeite de sua palhaçada, pessoas que pela sua posição socias se achão tão elevadas onde elle nunca attingirá.

Escandalosamente mentindo, diz que o nosso vigário com o seu sachristão virão-se obrigados a fugirem da musica que os fôra receber, por ser esta insupportavel. Não admira que o sr. Bôca diga isto, porquanto provavelmente habituado a medir todos por sua mediocre bitola, considere o vigário dum fleguêzia, qualquer homem vulgo a quem se busca para figurar em faixas.

A pessoa do vigário cumpre-nos respeitar das seguintes maneiras:—Respeital-o como sacerdote, pois na terra representa Christo. Respeital-o pela sua posição social; e respeital-o como homem, pois a fôrça ensina-nos a moral e somos obrigados.

Si o sr. Bôca soubesse disto, creio que não procuraria fazer espirito com pessoas de este quilate.

Quando e aonde já vio o sr. Bôca musica melhor da que temos? Em parte nenhuma eu o juro, no entretanto imbuído em ideias de—escriptor—entende magoar aos musicos dando a conhecer que tem dessa arte conhecimento.

A nossa musica é tal que não está no caso de se dizer que é sublime, porem qual a razão? Parte o mal dos musicos, d'aquelles que executão suas partes? Não, e sim da falta de instrumentos necessarios que mais a enfeitem.

Ora porque numa banda de musica faltão instrumentos, pôde-se fallar dos musicos a pontos de dizer-se que não prestão? Sô de quem desconhece um pouco da educação ou não tem juizo, é que diz semelhante disparate offendendo assim os cidadãos que compõem a musica.

O sr. Bôca deva deixar a penna de escriptor, e outro que melhor saiba desempenhar esse alto cargo e a ser lavrador conforme diz, tratar dos seus interesses.

O Bombo

Sr. Redactor—Pela primeira vez em minha vida por meio do jornal, deffender-me de certas fôras e nojentas calumnias contra mim assignadas pelo—celebre inspector da Lavadeira Antonio cabeça.

Este bixo di-presivel, que só tem serventia para mexiriquero e trazer em verdadeira desharmonia o pacifico povo de seu lugar, donde por falta de homens é inspector de quartelão; quer nivelar-me a si, procurando por meio de infames intrigas, malquistar-me com uma familia da qual nunca recebi offensa, dizendo detratar eu della até com injurias.

Lembre-se esse inspector cabeça, que a distancia que nos separa faz com que sua lingua ferina não possa tocar me sequer nos pés, e sendo já conhecido como intrigante, não pôde desconceituar ninguém.

Ainda mesmo que qualquer homem movido ou por grande e vehemente amor, ou mesmo por outro qualquer sentimento, fosse arrebatado da casa paterna o objecto dos seus amores, não está no caso de censurar e nem tão pouco de dar opinião a respeito—o inspector cabeça;—pois quem seduzio com falsas promessas a uma pobre e innocente menina filha do —Pamado—para hoje infiltratal-a como a um ente desprezivel, não pôde e nem tem direito de censurar ninguém.

Porisso acho prudente que o —inspector cabeça—vá quebrar côcos e dando melhor vida a essa pobre victimina que lhe cahio nas garras, deixe o pessimo costume de ser intrigante e calumniador; mas se acaso esta o ferir, venha perante o publico e toque que eu dançarei.

O Sozinho

A PEDIDO

AGRADECIMENTO

O abixo assignado vem do alte da imprensa agradecer a todas as pessoas que o acompanhão durante a enfermidade e passamento de sua sempre chorada e querida mãe, e bem assim protestar-lhes o seu eterno reconhecimento.

Vianna, 6 de Agosto de 1880.

Telemaco José Gonçalves.

—Sr. Redactor.—Vou contar-lhe um caso que se deu a poucos dias nesta pequena povoação.

Em uma casa de família appareceu no quintal a uma hora para as duas da tarde, um casal de maracajás que fazendo grande barulho entre as galinhas, patos e perds, poz em alando toda a familia. O dono da casa gritou logo pela senhora e esta pelos filhos. Um dos moços corre armado de um machado que encontrou na cozinha, ao lugar do conflicto.

O outro gritando desastreadamente diz: Esperem seus filhos que eu os ensino ja como é que se deve respeitar uma propriedade alheia: e entrando para o quarto, calça as botinas, veste uma calça de casimiro, uma camisa gominada, collete e gravata branca, fôrca, cadorna e relógio, deitou orisa nos cabellos e nas felpas do quixo, perfumou com sandalo um lenço, pôz na cabeça o chapéo de pello, e armado de uma bengalla de unicornio com castão de ouro, sah do quarto acclerado e encontra-se com a mãe que elhando para o luxo do filho lhe diz admirado: Oh Americo! pois tu vás passear e os maracajás estão acatando os pintos da tua galinha? Ao que respondeu ella estouvadamente: Não senhora, é preciso que um homem appareça dignamente vestido para poder ser respeitado por esta canailha; e descendo os degraus da escada quatro a quatro, chega justamente no momento em que o irmão corria de machado em punho atroz dos delinquentes. O que é isto seus tunantes, grita Americo com voz cavernosa; tratantes, pois então é assim que se ataca a propriedade alheia?

Neste momento o moço que corria atroz dos animaes, tropeça e cahê de costas num lameiro que havia no patheo da casa. Os maracajás amedrontados com a voz de Americo, e talvez compungidos com a queda do outro, chegarão-se sem receio e deitão-se pacificamente junto d'elle, olhando amedrontados para Americo que continuava gritando. Neste momento e pai descendo com uma espingarda, desparou um tiro tão certeiro que matou ambos a um tempo.

Americo então dando uma gostosa gargalhada diz: Ah morrerão? nem devia esperar se outra coisa de dois cabides como estes. E galgando a escada sahio dizendo: Fação-lhes agota o enterro.

Assigno-me de Vm. Cr.

Maracassumê 2 de Agosto de 1880.

Pommada do Xico pommada.

VARIEDADE

Vingança de cigano

[Continuação do n. 4]

Os ciganos não desmentem a fama que seus antepassados lhes legarão; elles esperão deixel-a aos vindouros como conservão presentemente, sem macula de virtudes!

Sem patria, sem familia, e sem eira nem beira; livres das leis e das authoridades do paiz, andão por esses sertões levando comigo a desgraça e a calamidade, e apoz si deixão vestigios do mal, que sempre se seguem em qualquer parte onde chegam!

Os ranchos, que não são defendidos pelos seus proprietarios, soffrão o saque e o roubo e os escravos presentes não escapavão de ser victimas de taes abuties! E as seductoras—bonadiças—

Quando abandonados pelo senhor esses infelizes são sacrificados aos ciganos!

Esperanza eutretinha o amo e o feitor em quanto seus companheiros roubavão e—commerciavão.—As crianças os papagaios e araras, macacos e outros bixos fazião infernal algazarra e assim abitarão os grunhidos dos porcos, sangrados nos ranchos dos pagros, e a gritaria que, contra vontade dos ciganos, fazia toda criação.

Era assim que esses visitantes abastecião aos alforjes exaustos do necessario!

Peritos na arte de fortar, conseguirão tudo com facilidade inaudita, condejuvando ainda elles o ser dia santificado, em que os escravos, livres do trabalho da roça, descansavão preguiçosos em seus ranchos, para despertarem depois de logrados e roubados!

Esperanza logo que vio o signal dos seus companheiros, de que ja não era necessario o ardil que ella empregava, para nullificar os dois unicos entes capazes de malograssem seus planos de rapina, acompanhada pelo sr. Gaspar sahio da casa grande com o fingido fim de realizar a transação começada com o feitor, a respeito do—Relampago e do Borbuleto.—

Ao sahir do sol no acaso os ciganos arreistão as cavalgaduras; arrumarrão as grandes trouxas de roupas formando piramides brancas sobre as costas dos burros e, atadas as trouxas, nellas prenderão as crianças incapazes de governarem os animaes, pela pouca idade.

A REFORMA

Seguirão os arranjos, de alforças rexeadas de carne de porco, galinhas, patos e de muitas outras aves, espanhadas e mortas as occultas.

Sem se despedir ou apparecer ao lavrador a condescendencia, que teve em os deixar assaltar a fazenda, sahio esse trope, com destino a fazenda do sr. Luiz Hermenegildo, lavrador vizinho de santo Angelo.

Logo a pôz a partida dos ciganos não tardou a queixa, reclamação, lamentação e até o choro dos escravos legítimos pelos ciganos! Mas já era tarde tudo isso, porque o sr. Monteiro não podia obrigar os hospedes do terreiro a repararem o mal que haviam commetido.

Cordões de ouro e rosetas do mesmo metal, levaram em troca de cavallos cegos com olhos de vidro e olhos postiços, que deixarão?

Todas as desgraças legadas pelos visitantes mal ditos apparecerão aos olhos do estabado lavrador, que limitou-se em dizer:—Se nada agora posso fazer ao beneficio de vocês, é do meu dever remediar o mal para o futuro. Fica, de uma vez para sempre, prohibida a entrada de ciganos em minha fazenda, ainda mesmo que a desgraça os persiga de bem perto e sob pena de ser castigado rigorosamente o meu escravo que consentir ell se abrigar em-se aqui, e de ser despedido o feitor que for contrario a esta vontade, desobedecendo tão positiva ordem.

Os escravos depois de algum silencio respeitoso, tomarão a benção ao senhor, e regressarão a seus ranchos contentes e satisfeitos com o que resolvera o rico proprietario de santo Angelo.

(Continúa)

A N N U N C I O S

Sociedade-Dois de Novembro.

O presidente desta sociedade abaixo assignado convoca a todos os socios para uma sessão geral na casa do administrador do novo cemiterio Honório Beltrão, no dia 8 do corrente as 10 horas da manhã, a fim de resolver se quanto a reforma dos estatutos na parte que julgarem necessario e fazerem as declarações exigidas no art. 12 membro segundo dos referidos estatutos.

Vianna 3 de Agosto de 1880

Marcellino Jose Trancoso



O ABAIXO ASSIGNADO, precisa comprar um cavallo bom que tenha excellentes marchas, seja equipador e manso; quem tiver um nas condições, apresente a casa de sua residência que fará prompto negocio. Tambem compra ouro em obras ou mesmo em pó e paga melhor que qualquer outro despesando o cambio, as libras sterlingas.

Vianna, 4 de Agosto de 1880

Jose Enéas Cavalcante



Nesta typographia se diz quem precisa comprar uma vacca com cria que seja leiteira e muito mansa, propria para ter-se aqui dentro da cidade.



Novidade

Chapéus para homens, senhoras e meninos.
Chapéus de sol chiks para senhoras
Collarinhos para ambos os sexos
Pentilhos para senhoras
Lenços brancos e com cere duros
Linha de carrinho para machina
Dita " " de novelo
Agulhas " " " "
Manteiga em latas de meio kilo
Açúcar alvo fino
Biscoitos de marcas garantidas

NO BAZAR DA VISTA ALEGRE DE
RAIMUNDO PINTO

Imp. por T. U. Mattos

Vianna, 12 de agosto de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

LITTERATURA

A NOITE

[Continuação do n. 5]

Eu lanço o meu pensamento para cima da terra. Que faustoso aparelho! Que profusão de maravilhas! Que luz e que pompa o Creador emprega e desenvolve nesse theatro!

Que olhar pôde abraçar a extensão? O dia tem apenas um sol; a noite tem milhares, cujo clarão guia nossas vistas até ao seio do Firmamento. Que torrentes de fogo derramadas dessas urnas innumeráveis cahem em profusão das alturas do firmamento! Transportado e confundido sinto-me ao mesmo tempo sepultado no pó e enlevado no céu. Oh! deixai-me ver... deixai-me vagar meus pensamentos... Mas minha vista não pôde encontrar um termo, e meu pensamento perde-se em um deserto...

De todas as sciencias é a astronomia aquella que melhor pode esclarecer o nosso valor relativo, e nos fazer fazer-nos conhecer as relações que ligam a Terra ao resto da criação. Sem ella nos é impossível saber onde estamos e o que somos, nem estabelecer uma comparação instructiva entre o lugar que occupamos no espaço e a totalidade do universo; sem ella ignoramos ao mesmo tempo a extensão real de nossa patria, sua natureza, e a ordem á que pertence. Encerrados nas faixas tenebrosas da ignorancia, não podemos formar a menor ideia da disposição geral do mundo; um nevoeiro espesso cobre o horizonte estreito que nos encerra, nesse pensamento permanece incapaz de elevar-se acima do espectáculo diario da vida, e de franquear a esphera estreita traçada pelos limites da acção de nossos sentidos.

Ao contrario, quando o facho radiante da sciencia do mundo illumina-nos a scena mutável; os vapores que obscureciam o horizonte se desvanecem, nossos

olhos desvendados contemplão na serenidade do universo puro o alvo immenso do Creador. A terra apparece como um globo balança-do-se sob nossos passos; mil globos semelhantes aninham-se no ether, o mundo cresce á medida que cresce o poder de nossa visão, e desde então a criação universal desenvolve-se perante nós em sua magestosa realidade, estabelecendo ao mesmo tempo nossa ordem e relação com a multidão de mundos semelhantes que constituem o universo.

É a noite que se deve pedir este espectáculo. É a

noite que... O silencio e a profunda paz das noites estrelladas offerecem á nossa faculdade contemplativa a scena que lhe convem, e hora alguma é mais propicia para a elevação d'alma nas bellzas do céu. Mas a poesia do espectáculo destas apparencias é vencida pela magnificencia da realidade. É sobre este ponto que vamos discutir em artigos seguintes, afim de dissipar as ilhúzes causadas pelos sentidos. Parece-me conveniente afastar as causas de erro que podem deixar no espirito falsas impressões; é completamente inútil, sinão perigoso passar os primeiros instantes de uma palestra astronomica em descrever phenomenos apparentes para demonstrar em seguida a falsidade d'elles. A poesia, cujo a-pro harmonioso aninha-se sempre em nossa alma suspensa, não se pode desenvolver por isso; ao contrario ella tomará um novo aspecto e uma nova vida, e mais ainda uma força mais poderosa.

A ficção não pode ser superior á realidade, esta vai tornar-se em nossos artigos uma fonte de inspiração mais rica e mais fecunda do que a primeira.

[Continua]

—*—

SECÇÃO GERAL

Cura da morphea

Sentimos sincera satisfação em darmos publicamente hoje dum grande e mil-grosso remedio para esta molestia, cujo segundo diz o — Commercio de Caxias — tem sido ja usado por varias pessoas com feliz resultado; e nós pedimos a todas as pessoas que lerem neste jornal, que vulgarisem a noticia a fim de ver se com o auxilio deste remedio, restitue-se a saude a tantos desgraçados privados della.

O inhamo, como todos sabem, é uma especie de casca que muitas pessoas usam para a penella do cosido ou cosinham para os escravos.

Este inhamo, depois de tirado da terra e melhorado em minguinte ou tempo secco, depois de posto no sol, lavase e depois de torrado soffivelmente, se tira e se socca em pilão e depois de estar soccado, se leva a frigideira a torrar de maneira que fique na consistencia do café; isto é fique tão bem torrado, como fica o café. Deste café usará o enfermo todas as noites tendo o estomago vazio, isto é, não tendo tomado refeição alguma, quatro ou seis horas antes de tomar o remedio, tomando uma chicara quando se deitar ou duas vezes ao dia, de manhã e a noite, advertindo que se tiver suado muito de noite não tome de manhã para não ficar privado de levantar-se.

O effeito deste remedio que parece tão insignificante, é fazer suar o enfermo um suor tal, que cheira mal e a roupa fica gomosa e dura. Porisso é necessario, depois de suar não usar della sem ser lavada. Passado algum tempo deste uso se verá que as partes affectadas, quer no rosto quer no corpo se desvanecem e as chagas entram a sarar.

É muito simples de fazer-se este remedio, e Deus queira coroa-lo de virtudes para assim poupar as pungentes amarguras d'aquelles infelizes que atacados de semelhante molestia, vivem abandonados da familia, amigos e sociedade.

Correspondencia de Penalva

Sr. Redactor.—Ha tempos que não lhe dou ares de minha graça, porque a isso me havia impedido os meus muitos affazeres; porem agora já estou des-tarefado.

Hontem 1º de Agosto, reuniu-se os membros da junta de alistamento para o serviço do exercito e armada. La estavam o juiz de paz, o subdelegado e o competente escrivão; na porta o nosso Fiel Curuba com toda sua pr-sunção, creio que desempenhava o —alto e espinhoso cargo de bilheteiro—. Não havendo Paracho nesta villa, deixaram os membros da trabalhar pelo que fizeram um edictal no qual chamão um elector que queira fazer as vezes de Paracho.

Camara Municipal.—Creio estar funcionando esta chupeta dos filhos da benção, shi quem nos dêa m nd esse ella fazer agora a limpeza da praça e ruas!

Partida.—Seguiu neste ultimo vapor para a capital, o capitão Caetano Jo é te Mello, que segundo consta, foi tratar de negocios politicos; no meu fraco entender acho que o tempo não é o melhor, pois est-o encur, deixou os seus partidarios embatcados.

Consta que o subdelegado vai pedir demissão do cargo, a occasião é boa para os pretendentes; eu não o quero porque não intendo da bisca. Na cartilha de Curuba aprende-se o necessario para desempenhar-se os deveres da policia.

Rosna-se que o juiz de paz já deu ordem ou vai dar para a publicação do edictal convocando aos electores á eleição municipal, para que não fique como da outra vez, que admira como seahirão bem da festa.

Consta que para cá vem um destacamento composto de um cabo e trez praças. Graças as cabações e lousos a cumbuca, que sempre vem o que ha muito se pede.

Tive a infusta noticia de ter fallecido nessa cidade a Exm. Sra. D. Anna Pinto mãe do meu amigo Telemaco Jo é Gonalves. As elevadas virtudes que enobrecião a alma da fall-cida, fez deixar um vazio no coração de todos que a conhecião e conquistou-lhe a bemaventurança. Accite pois o meu inextinguivel amigo Telemaco os meus sinceros peza-mes.

E sem mais adeusinho.

Penalva, 2 de Agosto de 1880

Pedro Buzo.

A REFORMA

VARIEDADE

Virgança de cigano

[Continuação do n. 5]

Depois da retirada dos ciganos, a noite chegara e o nosso fazendeiro, deitado em alva rede de linha de algodão, dava balanços e divertia-se em ouvir o armodor ranger nos gonços.

Quando elle se abysmava em doces reflexões, chegou um moleque, cretinto como o urubú, e apenas vestido com um calção de palho greço de algodão, que entregou-lhe uma carta.

— Quem mandou isto? disse elle

— Senhor feitor, respondem o moleque.

— Aonde está elle?

— Mentou no cavallo borbuleta e sahio, respondeu o moleque.

— Sahio? repetio admirado o sr. Monteiro. Da cá aquella vella.

O moleque foi buscar a vella, e trouxe para o sr. Monteiro, que brinde a carta lido:

— Senhor Monteiro Deixo a fazenda de V. S. sem motivo de escandalo, nem ter recebido offensas de V. S. Vou seguir o meu destino que ignoro qual seja, mas eu tenho medo d'elle. O saldo das minhas ordenanças envie a minha Mãe, moradora na freguezia da Conceição, na Cidade do Porto archiepiscopado de Braga, de nome Maria das Dores. Adeus para sempre—Gaspar.

— Eu bem suspeitei que o sr. Gaspar não estava no seu juizo, depois que vio essa cigana Esperanza, disse o sr. Monteiro dobrando a carta do ex-feitor e collocando-a debaixo da rede, sob o peso de sua caixa de ouro. Tomando o castiçal das mãos do moleque, continuou em outro tom:

— Vai chamar tio Zacharias. O moleque partiu rapidamente como quem recebe ordem de senhor, e não tardou muito que o tio Zacharias apparecesse.

— Zacharias, disse o sr. Augusto Monteiro, tomando uma pitada, de novo encarrego-te da fazenda Santo Angelo e espero que, como sempre destes boa conta de ti, ainda continues a proceder de igual forma. O sr. Gaspar não é mais feitor aqui e só tu me substitues em Santo Angelo. Zacharias sahio arvorado em feitor, e o sr. Monteiro foi dormir plácido e tranquilo de quem tem consciencia de nunca haver feito mal a ninguém.

Depois da business despedida do sr. Gaspar da fazenda Santo Angelo, vamos encontral-o na antiga villa do Urubú a margem do rio Itapecurú.

Elle se fizera cigano e com ciganos vivia, acompanhando Esperanza a quem amára a primeira vista e protegera passil-a a custa dos maiores sacrificios. O sr. Gaspar quem de pelas raios do sol ja tinha es- sa cor bronzeada dos ciganos, e esquecendo-se do mundo só lembrava-se de Esperanza, que o fizera adoptar a vida errante e maldigoada dos seus compa- nheiros.

As bellezas, e os encantos da cigana, que de sobra tinha elle, captivava-o ex-feitor, e o fizeram conquista- dor submisso, mas constante e pertinaz.

— Então, Esperanza, dizia elle a sua pretendida amante, ainda duvidas do meu amor?

— Ganjão, respondeu Esperanza, suas fallas são boni- tas.... prometteis-me muito.... tenho medo que esse amor não seja sincero.... que o ganjão esteja fin- gindo....

— Fingir, eu! e é Esperanza quem o diz! enterra- mento sr. Gaspar.... O sr. Monteiro tratava me como um amigo, do que como um famulo, e esqueci os obsequios do sr. Monteiro, para seguir Esperanza!

Ganhava muito e abandonai lucros, commodos, e entreses para acompanhar Esperanza.... para andar com a luz dos meus olhos, a alma do meu corpo, o gozo do meu amor.... Com os diabos! e é Esperanza que ainda duvida de mim! Governava e sou gover- nado! Foi como senhor, e sou qual escravo.... tudo porque? porque amei a uma ingrata, que zombeteira e fugitiva, fôrta-se de me amar! Oh! Esperanza, se me não amas, deixa-me morrer....

Esperanza inclinada ao amor do ex-feitor sorrio-se de contente ao ver a afflicção e a dor com que o sr. Gaspar lhe fallava da paixão.

— Tenho medo de ser enganada ganjão.

— Por mim?

— Sim ganjão.

— Esp'ranza! exclamou com a tristeza estampada no rosto o novo Romeu!

— Siga-me.... e minhe.... dizia a cigana dirigin- do-se com Gaspar para fóra do alcance dos compa- nheiros arranchados na praça de uma capella arruinada que o tempo entretinha-se em demolir a pouco e pouco. Eu te sigo Esperanza, porque hoje quero ou- vir de ti a minha sentença.

[Continua]

A REFORMA

MISCELANEA

Em um theatro particular representava-se a conhecida tragedia—Nova Castro—e na platêa achava-se um valentão que era temido de todos os habitantes do lugar. No momento em que a pessoa que fazia a parte de Ignez estava prostrada aos pés do rei, pedindo que a perdoasse, chorando amargamente, o valentão bradava da platêa com sua voz rouquenha:

—Perdôa diabo! Perdôa rei do inferno! Olha que eu trepo ahi, e te faço em migalhas!

—É o que te vale, acudio tremendo o sujeito que fazia o papel de rei à Ignez de Castro; estás perdôada.

—Mas...mas...isso não é da peça, disse o ponto cheio de sustos.

—Não importa, tornou o rei, estou em apuros, manda quem pade.

um crucifixo, e no furor dos accenos que fazia, andava com elle para todos os lados, parecendo que o ia atirar a cara dos ouvintes.

—Fostes vós, dizia o bom do frade, que o insultastes! fostes vós que o pregastes a cruz! fostes vós que o assassinastes!

Enisto sem reparar, deu com o crucifixo na chamma de uma tocha que estava perto do pulpito.

—Ande! disse um dos ouvintes, deite-lhe logo agora, depois diga tambem que fomos nós,

Um sujeito que não sabia ler tendo recebido uma carta da familia, correu á casa dum vesinho para pedir-lhe que lhe fizesse o favor de lê-la.

O vizinho tomou o papel nas mãos e depois de tê-lo fixado attentamente, disse:

Chore senhor!...chore!

O pobre homem assustado, julgando-se preso de qualquer desgraça, perguntou:

—Chorar eu?...Porque!

—Chora! Chora!

—Mas porque? O que houve?

E as lagrimas começaram a deslizar-lhe pela face; quando o outro disse, tambem chorando:

—Chore a sua desgraça e a minha, porque eu tambem não sei ler.

Um sujeito entra em casa a meia noite e encontra a mulher a rezar.

—O que fazes ahi?

—Estou pedindo a Deus que te dê juizo....

—Perdes o teu tempo. Pois acreditas que, se eu algum dia tivesse tido juizo, faria a tolice de casar comtigo?

ANNUNCIOS

Nesta typographia se diz quem tem para vender muito boas.

Luiz Botelho tem favas e feijão a vende o que communica aos seus freguezes para mandarem comprar

Nesta typographia se diz quem tem para vender os seguintes livros, todos perfeitos sem nunca terem sido servidos e da mais nova edição:

Uma geographia e atlas

Um volume de historia do Brazil

Uma grammatica de Setero

Uma geometria

Um compendio de Metrologia Decimal

Tudo isto vende-se por qualquer preço a vista da moeda.

Imp. por T. U. Mattos.

A REFORMA

ASSIGNATURA:
Por mez.....500

PUBLICA-SE
Todas as Quintas-feiras

Jornal Litterario, Noticioso e Commercial

Vianna, 19 de agosto de 1880.

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

LITTERATURA

Causas e sentenças contra animaes

Tempos houve em que os tribunaes da Europa, fulminavam sentenças contra animaes accusados de certos delictos, e em que as auctoridades ecclesiasticas lançavam os raios da excomunhão contra insectos damnosos. Tão monstruoso pareceu ás novas gerações um semelhante abuso da justiça divina e humana, que lha não quizeram dar credito; documentos autenticos, porem, comprovam o facto, e não deixam duvidar delle. Manuscriptos de varias bibliothecas publicas, ou de particulares, curiosos relatam por muito muitas destas causas. Chescanée, celebre juriconsulto do seculo 16º, compoz varias consultas a este respeito, e depois de ter examinado qual o meio de citar certos animaes perante a justiça, investiga quem legalmente os pôde defender, e em que juizo se ha de intentar a acção.

No seguinte extracto apontamos auctores que attestam certos casos, a epocha das sentenças proferidas e motivo porque foram citados em juizo alguns animaes, assim como a era em que contra elles se lançaram varias excomunhões.

Anno 1120—Toupeiras e lagartos excomungados pelo bispo de Laon.

1386—Porca mutilada, e depois enforcada, em virtude de sentença do juiz de Falaise, por ter despedaçado um menino.

1394—Porco enforcado por ter morto uma creança na parochia de Romaigne, viscondado de Mortaing.

1474—Gallo condemnado a ser queimado vivo, em virtude de sentença proferida pelo magistrado de Bale, por ter posto um ovo.

1488—Os vigarios de Antuna ordenam aos curas das freguezias circunvisinhas, notifiquem aos gorgu-

lhos que deixem de fazer os estregaos costumados durante os officios e procissões, pena de excomunhão.

1499—Touro condemnado á força em virtude de sentença do bailio da abbadia de Beaupré, por ter morto um mancebo.

Em principios do seculo 16º sentença proferida contra os gorgulhos e gafanhotos, que devastavam o territorio de Millère.

1554—Sanguessugas excomungadas pelo bispo de Lausana, porque destruiam os peixes.

SECÇÃO GERAL

Correspondencia de Penalva

Snr. Redactor.—Em tantos deste mez, (não me recorda o dia) achou-se no lugar denominado—Lago Verde—deste districto, morta e boiando a flor d'agua uma missivista do seu conceituado jornal, a Exm. Sr. D. Tapereira. Não quizeram os do fundo que ella continuasse a relatar o que se passa nesta vila, porrem como eu sou um pouco abelhudo, e mesmo sou parente da defunta, finada, fallecida, quero substituir a na penna, contar-lhe o que por cá for havendo.

Corre o boato que, não fizeram corpo de delicto no cadaver, por não ter subdelegado que o fizesse, em consequencia do actual achar-se doente e ainda estar—desfrutando essa petisqueira; porem os outros? Provavelmente estavam para fóra e levaram consigo o expediente. O juiz de paz Manoel de Azevedo Aranha, dizem que diu não ir fazer o corpo de delicto, porque não se ganhava dinheiro.

Vejá sr. Redactor como está adiantadissima a nossa —Capital—Tambem não lhe sei dizer se ao menos fizeram vistoria no cadaver, porque quando fui

para enterrá-la, achei-a somente acompanhada pelos urubús que já estavam fazendo conta de repartir; sepulcrei-a perto donde foi victima, por não poder levar para o cemiterio, em consequencia da putrefacção.

Passadio—Estamos passando muito mal aqui respeito ao alimento, está custando um fardo de guariba cinco mil e cinco cento. Tambem ha no lugar certa mistica a esta villa, a rrabulho de jacaré que vendem a retalho mas com tal sumiticia, que uma coisa é ver e outra contar.

Queira sr. Redactor dar publicidade a este simples e mal organizado artigo.

Seu amigo

Clarindo.

Sr. Redactor—Ha poucos dias vim por meio da imprensa, defender-me de certas accusações contra mim arguidas pelo inspector da Lavadeira o—celebre Antonio cabeça,—porem longe de vir elle perante o publico justificar-se do que lhe disse no meu outro artigo; mette-se na fuma e de la brande a sua mordaz e pestelenta lingua.

Fica certo meu palermo barba-rala que nunca me desconceituarás, pois é bem antigo o ditado—um desacreditado não desacredita ninguém.

Estás acostumado somente tractar com gente de tua baixa relé, e supões que com intrigas e calumnias adquiras amizades, dinheiro emprestado á boia para a barriga; porem te enganar, o premio do intrigante é desproso, odio e averção.

O tempo que vives te occupando da vida d'aquelles que te olham com despreso, devias estar trabalhando para não ser pesado aos outros, pois que brando edeo nunca terás nada. Devias tratar de abandonar o pessimo costume de intrigante, e procedendo como os homens de bem, procurares formar reputação no conceito dos homens honestos.

Se fosse possível se operat essa mudança em ti (o que duvido) verias quanto é sublime o viver dos homens honrados.

Em conclusão tenho ainda a dizer-te, abandones a intriga e vem perante o publico procurar desconceituar-me, pois é perante elle mesmo, que pretendo por-te a calva e mostra; bem deves te recordar que tenho uma gaveta dentro da qual ti trago, e se não te recor-

das, vem perante o publico e toca que me verás dansar.

Q Sozinho.

VARIEDADE

Vingança de cigano

(Continuação)

Gaspar e Esperanza caminhavão emparelhados, e tão entretidos ião, que não repararão em dous vul-tos que estavam deitados, em capas de pano algodão, a sombra das paredes negras da arruinada ermida.

—E o seo amor é verdadeiro, Ganjão?

—É puro como tu és, respondeo o sr. Gaspar.

Neste momento passavão elles, bem portos das ruinas e o ex feitor entusiasmado, e abrazado em fogo de amor dizia assim:

—Eu te amo.... Esperanza.... eu te amo!

—Pai, disse baixinho um dos que estavam deitados nas ruinas ao outro que já tinha cabellos brancos, ou-vistes?

—Sim, Calisto, respondeo o interrogado, o ganjão estrangeiro está se fazendo de beste.

—E o pai não desconfia nada?

—Com mil raios, o que hei de desconfiar?

—Ohe pai.... elle se metteu pela floresta.... onde irão?

Calisto dizia a verdade; o sr. Gaspar e Esperanza distrahidamente embrenhavão-se pelos matagões, ora colhendo uma flor, ora assustando os passaros habi-tantes deaesses lugares.

—Oh pue elles se somem....

—Que sei eu? apanhão flores, bôfe que o ganjão quer brincar.

—E se elle seduzir Esperanza?

—Cazará com ella.

—Se abandonal-a.... se fugir?

—Morrerá disse o velho cigano com energia e força.

—Morrerá, repetio Calisto pue, não te faças beste, o estrangeiro é ladino e conseguindo seos fins nos deixará depois.

—Cala-te, filho, que a vingança será noosa.

A REFORMA

—Mas elle pode escapar.---

—Morrendo, disse o velho com firmeza. Quem menoscaba de nossa honra pode ficar impune, mas da honra de nossas mulheres, não ha exemplo, de não nos termos vingado contra os pffensores.

—Oxalá este não abra o exemplo, observou Calisto temendo alguma desgraça.

—Calisto, disse o velho, disfarça e bem perto segue aquelles bregueiros, que se perdem no matto, e pelas almas de nossos avós, e em nome desses santos ceiosos lá da corte do céu, não os percas de vista.---vae.---

Calisto levantou-se e a custo foi seguindo os dons namorados. Oculto por uma moita de agrestes arbustos, tudo observava, sem que desconfiassem os dois de que alli estava uma testemunha importuna.

—Juras, Esperanza, dizia o sr. Gaspar, que será minha?

—Oh mãe!...só tu, respondeu a bella cigana.

—Oh! como sou feliz! exclamou o ex-feltor apertando as mãos de Esperanza.

—E será meo esposo? interrogou a cigana.

—Pec...ten para sempre, respondeu o sr. Gaspar apertando a linda cigana em seus braços, e dando-lhe um beijo ardente na escaldada fronte.

—Que tal o bruto? dizia consigo Calisto incommodado, como se—tucanguiras—o estivessem mordendo. O maldito quer fructos sem ter arvores.---ai---ai---continuão? Como elle abraça---beija---isso---ganção de uma figa---

Calisto tossio, escurrou e appareceu perto dos dous amantes, disfarçando e fingio-se admirado de os ver alli.

—Como? Esperanza aqui? O ganção appanhava flores e Esperanza está vermelha como o sol ao recolher!...São horas de partirmos; vamos.

O sr. Gaspar sem querer tinha espedaçado diversas flores e os fragmentos dispersos no chão o denunciavão; as que tinha na mão, muitas não tinham pétalas, que elle as arrancara, entretido com os olhos meigos de Esperanza.

Voltarão os trez ao meio da tropa e já encontrarão muitos companheiros escarranchados nos pacientes bucefaes. Calisto foi montar no russo-pombo, a sua mulher, no estado interessante em que se achava.

Esperanza montou no alexão, o sr. Gaspar no baio, e a cavavana seguiu destino ao Livramento.

Calisto ao lado de sua mulher cuidava dos namorados tambem, e seu pai passando por perto d'elle perguntou-lhe:

—Então o gavião come a rola?

—Fallarão em casamento.

—Ainda bem, disse o velho, esporeando o rozilho, em que ia montado, e tomando lugar ao lado de Esperanza.

No dia seguinte amanhecerão no Livramento. Ahi esperarão que o ardor do sol quebrasse de vigor e pela fresca da tarde do outro dia atravessarão o rio nas Broacas e entrarão pela villa do Codô.

Aquelle comboio de ciganos ja não causava admiração aos habitantes do Codô, acostumados a hospedarem os males, que sempre trazem a onde chegam!

Oh filho, dizia uma cigana velha a um moço robusto, mas cego de um olho, aonde fica a quitanda do ganção—Balthazar?

—Tome tento velha tonta! respondeu o filho, e ja não lhe disse que ficava á esquina?

—Ora pois, tornou a cigana mãe, elle terá aquelle peixe, bscalhão?

—Senhora sim, satanaz que lhe responda, que advinhar não me ensinaste, mãe!

—As mulheres estenderão-se pela margem do rio a lavarem roupa e os ciganos pela villa braganhavão, furtavão e regalavão-se a custo alheia.

A familia do chefe, agasalhou-se em casa do juiz do lugar.

[Continua]

UMA RARIDADE

Um homem que vive de sua penna vé-se com frequencia; mas uma penna viver dum homem ou duma mulher é cousa summamente rara. Todavia, se observa este phenomeno em Augustina Lavi, menina de seis mezes, nascida em Cherbourg. Eis o que della diz o-Vigi,--periodico da localidade.

“Vimos as vinte e trez pennas que tem crescido na cabeça desta menina. Assestimos no sabbado ultimo, em casa de seu pai, á queda da ultima. Provavelmente assistiremos hoje ao nascimento da vigessima quarta.

A R E F O R M A

"Não ha nada mais curioso. Forma-se uma borbulha na nuca da criança. No momento em que a borbulha vai rebentar, sente a menina ligeira sensação de dor. Abre-se a borbulha e apparece a penna em forma curva e de um comprimento de 10 a 12 centímetros. É dourada nos bordos e apresenta os mais variados matizes.

"Quando cahi a penna, sahe do buraco algumas gotas de um liquido esbranquiçado. Feicha-se immediatamente, e não deixa nenhum rastro até que se forma novamente o botão.

"A criança anda com esta penna na cabeça umas vezes seis dias, outras quatro, e o mais mysteroso é que a nove penna gasta tanto tempo em crescer como a anterior em cahir."

O pai da criança tencionava apresental-a no proximo domingo aos membros da academia de medecina de Paris.

NOTICIARIO

Fallecimento—No dia 7 do corrente falleceu a innocente Barbara Sophia Pereira de Abreo, filha do sr. Antonio Faustino Pereira de Abreo. Contando apenas cinco annos de idade, foi victima de uma horriavel lydieperia que em poucos dias roubou-lhe dos braços paternos.

Aos seus inconsolaveis pais, os nossos sentimentos.

No dia 18 do mesmo, depois de longos soffrimentos e de ter a medecina esgotado todos os meios que podia empregar, succumbio com a resignação do verdadeiro christão o sr. Tenente Themoteo Benicio Mendes.

A sua Exm. mana e aos mais parentes, os nossos sinceros pezames.

Casamento—No dia 18 do corrente, casou-se o sr. Manoel Torquato Alves da Silva, com a Exm. sra D. Euzebia Roza Vellozo.

Os nossos parabens.

Desordem—Consta-nos que na noite de 17, um individuo cujo nome ignoramos, dirigio-se ao deposito de cigarros onde acha-se o sr. Jorge A. Pinto Leis,

e ali por motivo frivolo insultou com palavrões e improperios, ao mesmo sr. Jorge.

Cumpre a policia vegiar estes perturbadores da ordem publica, para que não se vão reproduzindo os factos.

Cemiterio de S. Sebastião—É digno de illegio o novo empregado deste cemiterio, pelo cuidado que tem em trazer-o limpo. Deus o conserve sempre assim.

A N U N C I O S

Sociedade Fraternidade Viannense

Haverá sessão ordinaria desta sociedade no dia 29 deste corrente mez, as 4 horas da tarde no lugar do costume, para o que se convida os srs. membros e supplentes.

Vianna, 19 de Agosto de 1880.

O secretario

Lima

O abaixo assignado communica aos seus freguezes que, com a chegada do proximo vapor, terá folhetos das cartas de compadres Lourenço desigidas ao compadre Tiburcio, os quaes se venderão por preços commodos.

Raimundo P. Alves Pinto.

Grande novidade

Rodrigo Tiburcio Furtado recentemente chegado da capital donde trouxe um bonito e variado sortimento de chitas, cambraias, pupelinas, lãs, angolinhas de bonitos e variados gostos, brins pardo e branco, zuaite, riscado e uma infinidade de fazendas e miudezas; vem communicar aos seus freguezes e ao respeitavel publico para irem ao seu estabelecimento verem o gosto e admirarem a barateza.

Enigma

Um R um H e um T

Com dois E E um A e um I

E tambem um N aqui,

Tendo a par um V e um Q;

Nome de moça formosa

Nesta acstinha se vê.

Imp. por T. U. de Mattos.

ASSIGNATURA:

Por mez.....500

A REFORMA

PUBLICA-SE:

Todas as Quintas-feiras

Jornal Litterario, Noticioso e Commercial

Vianna, 26 de agosto de 1880

Propriedade de T. U. Mattos.

Redacção—Rua Grande.

A REFORMA

Em consequencia do muito trabalho typographico que agora temos, e da impossibilidade de darmos o nosso jornal no dia a que nos propuzemos, resolvemos parar por enquanto a sua publicação; pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

LITTERATURA

O canto d' Anchieta

D'un coeur qui t'aime,
Mon Dieu, qui peut troubler la paix ?
Racine

I

Do mar agitado as vagas altas
Em fragil esquite—ousado sulquei;
E aqui nestes ermos—em terras estranhas
Sertões e montanhas—a sós perlustrei.

Por invias veredas, de espinhos jucadas;
Nas mãos o Evangelho—sotinho trilhei;
E os povos selvagens, que erravam nas matas
Ao sym das cascatas—de Deus, eu fallei.

Nos seixos, nas urzes as plantas rasgando,
Dos rios gigantes os ondas domei;
No serro e no valle a onça cruenta;
De sangue sedenta—sem medo affrontei!

Nos bosques umbrosos de altivos palmeiras,
Mil tribus guerreiras adorem Tapá;
Em festas horriveis—dão trega homenagem
De um culto selvagem ao fero Anhangá!

Alem sob os leques de cavallos coqueiros
—Vencidos guerreiros seus hymnos espalhava;
E quando expirantes, as velhas atrozes,
Sanhudas feiozes, seus membros retellham.

Ao som dos maracás de entorno as fogueiras
Amantes faceiras, alegres folgavam,
Em quanto nas brazas—as velhas cruentas
As carnes san grientes assendo—ceiavam.

As carnes chiavam em vivos braseiros,
E os monstros guerreiros—cantando sorriam
Depois nos agudos alvissimos dentes,
Trincando os contentes—famintos comiam!

De sangue manchadas os labios flâmentes
Das ternas amantes as faces beijavam
E em beijos de fogo—no labio fiemente
O sangue inda quente, impresso deixavam

Na guerra affrontando a morte, os perigos,
Nos crâneos inimigos—quaes taças bebiam;
E os nomes dos mortos com gosto lembrando,
Seus feitos louvando sorrijam!

II

Entre os filhos da selva e a nossa gente
A guerra ardente e pertinaz fervia;
Nobrega e eu tetamos pôr-lhe termo,
Rompendo o ermo, que ante nós se abria.

La fiquei de refem entre os selvagens,
Nessas paisagens, que deixei gemendo—
Que noites que veleis! que lucta ingente,
Minha alma ardente fez vergar tremendo!

Findo o repasto—la percorre o vinho;
De nós de pinho brilham com fogueiras:
A voz da solidão perpassa os mares,
Brincam nós aras virações, segueiras.

Por entre sombras—sombras fluctuantes—
Vagas errantes—quaes espectros voam;
Eis surge a lucta—lá começa a festa:
Eis na floresta brados mil resoam!

A R E F O R M A

Que festas! que brincos! que gestos que fallam!
Que beijos que estalam! que loucos ardores!
E os corpos unidos, unidos os braços,
Em ternos abraços!....que scenas de amores!...

O chefe da tribu a filha donzella
Me traz (como é bella) e diz-me "Abaré,
Potyra, das virgens rainha formosa,
Dos valles a rosa mais casta aqui é!"

"Mancebos valentes na caça e na guerra,
"Prostrados por terra lhe juram sua fé;
"Mas eis-a linda virgem, e tu, sem receio,
"Fecunda-lhe o seio—è tua Abaré!"

III

Ouvindo taes fallas
Meus olhos fechei:
Depois na morena
Ardente os fitei....

IV

Airosa como a palmeira,
Meiga virgem brasileira,
Ei-la defronte, de pé!
Oh! Potyra....como és bella,
Como és candida e singela
Ante os olhos de Abaré!....

Nem nas serras d'alem mares,
Nem nestes verdes psimares,
Nunca igual belleza eu vi!
Da solidão ora a fada,
De mil encantos ornada,
Que em delicias entrevi!

Com seus cabellos divinos,
Com seus lábios coralinos,
Com seu delicado pé,
Com ana estreita cintura,
Era um primor de esculptura,
Era um céu de formosura,
Quel jamais viu Abaré!

Seios nús e palpitantes,
Olhos negros flamejantes,
Quem os viu como Abaré?
Alem trepidos da festa,
Aqui—aujo da floresta,
Triste e meiga, estás de pé!

Que vertigem deslumbrante
Que nuvem alem passaram;
Quando os olhos de Potyra
Nos meus olhos se cravaram!
Que chiapas! que céos! que infernos!
Morena, em teus olhos vi!
Por elles o Deus de Anchieta,
A terra, o céu esqueci!....

V

Mola de aço me impellira,
Mãos ardentes eu estendi....
Mas ao contacto da virgem,
Prostrado em terra cahi!....

VI

Cahi—meu Deus—mas ergui-me;
Só minha alma è que peccara:
O corpo não! que outra virgem,
Pura e santa me empallara!

VII

Per invias veredas, de espinhos juncadas,
Nas mãos o Evangelho—solinho trilhei;
E aos povos incultos, que erravam nas mattas
Ao som das cascatas de Deus eu fallei.

VII

Bendigo-te meu Deus! que me trouxeste
À terra, cujo céu è puro anil,
Para plantar a cruz de teu calvario
Entre as ta bas selvagens do Brazil!

Barão de Piratininga.



V A R I E D A D E

V i n g a n ç a d e c i g a n o .

[Continuação]

Ja ha dias dois que achava-se em casa do juiz, a familia do chefe.

O sinoço estava prompto, só faltava a mulher de Galisto, quando este entrando na varanda aonde a meza estava posta, o Dr. juiz perguntou-lhe pela companhia.

A REFORMA

—Já vem, ganjão, respondeu Calisto, ella está tendo o parto na beira do rio, não deve demorar-se.

—O que diz? interregou o Dr.

—Digo que minha mulher não tarda.... vê—ellaahi vem....olhe, ganjão....traz o fructo do nosso amor....

Nisto entrava a mulher de Calisto com um recém-nascido nos braços; e os cabellos molhados pingavão-lhe sobre o vestido. Chegando-se para o marido entregou-lhe o doce penhor que Deus lhes concedera.

Calisto recebeu o filho nascido naquella instante e o foi levar a Esperanza, baixinho disse-lhe:

—Quando tiveres um, o sr. Gaspar ficará contente, como eu contente estou.

Esperanza recebeu a criança e coronou com as palavras de Calisto.

O almoço foi obsequiado pelos convivas que se bem comeram, melhor beberão.

O sr. Gaspar alojara-se em casa de um amigo e em uma tenda conversava elle, a porta de uma quitanda, sem reparar que Calisto comprava ao balcão diversas drogas e fazendas para si e os seus; pois no Codó as quitandas vendem ferragens, pannos, drogas e tudo mais, que em qualquer parte é uma especialidade commercial.

—E verdade, dizia o sr. Gaspar, que me viste entrar na villa com elles, mas isso o que tem? Encontrei-os no Livramento e viemos juntos até aqui.

—Pois contarão-me que abandonaste a fazenda Santo Angelo, para seguir os ciganos!

—E acreditaste, meu amigo? Porque devia eu seguir esta canaleta? Fei a primeira vez que os vi.

Calisto conteve-se e fugio da quitanda temendo cometer alli um crime, matando ao infame gajão estrangeiro, e chegando em casa fez sciencia ao velho de tudo quanto ouvira: o pai estalando as juntas dos dedos das mãos dizia ao filho:

—O excommungado quer ver as tripas?

Ainda alguns dias a tropa cigana empestou o Codó e depois seguiu caminho de Caxias. A viagem foi longa, porque elles vão devastando as fazendas que lhes dão hospitalidade.

Durante a longa viagem do Codó a Caxias, Calisto vigiava o sr. Gaspar e o velho cigano a Esperanza, mas os dois amantes conseguirão illudir aos seus sentinelas e Esperanza alta noite encontrava-se com o sr. Gaspar, sem que uma só vez os descobrissem!

Esperanza entregou-se inteiramente ao prazer e ao amor, e julgava-se feliz sendo amada por Gaspar, de quem se considerava futura esposa.

Calisto, desconfiado sempre, teve uma entrevista com o ex-feitor, e resultou dessa entrevista, a combinação do casamento do sr. Gaspar com Esperanza.

Dera parte a toda coravana de que o ganjão estrangeiro, como o sr. Gaspar era conhecido entre os ciganos, ia ser marido de esperanza. Ficarão todos alegres e o sr. Gaspar dizia consigo mesmo:

—Elles são espertos, mas eu não sou tolo....como me julgaõ.

Com muitos dias de viagem andarão as 20 leguas que dista de Caxias ao Codó, e chegarão a Trizidella, aonde arrancharão-se em barracas de palha, que as lavadeiras do riacho da Ponte alli fazem para morarem durante o tempo, que lavão roupas.

É nessa Trizidella, que corre o riacho da Ponte, tão decantado, e submergindo-se na terra desapparece, para mais longe surgir formando cascatas, coxoeiras e espumosos rolos d'agoa, que se vão abysmar no rio Itapicurá.

Calisto e seu pai foram a outra bando, a Caxias e ali arranjarão o necessario para o casamento de Esperanza.

Era ja noite e a luz clareava pouco, que ao crescente ia; Esperanza esperava pelo amante no pomar de uma quinta, perto de sua barraca. O sr. Gaspar depois de fazer a bella cigana esperar por elle, appareceu apressado e soffregot.

—Julguei que não vinhas, disse queixosa Esperanza.

—Tive medo que teu pai....sim—que o velho cigano que é teu pai....porque és uma filha natural, chegasse com Calisto e....

—Já tens medo?

—Não; pois não vou no domingo receber-te por minha mulher.

—E não estás arrependido?

Quem? eu?

Andas tão fugitivo de mim!

É engano teu, Esperanza. O meu amor é o mesmo.. Mas volta aos nossos....Calisto não gosta de mim, e olha-me com n'ões olhos....se nos achassem aqui ao escuro na sombra....a estas horas....

[Continua]

A REFORMA

Preceitos populares.

Quando o galo canta de dia, é máo agouro, e se canta ás deshoras é signal de casamento.

Quando s'he o Senhor e muita gente o acompa-
nha, o doente não escapa.

Virando-se um banco de perna para o ar o inferno
treme.

Quando canta a curujá nas proximidades de um
habitação, é signal de morte. Para matar a ave agou-
reira, basta virar um tamanco.

Quando um cão esgravata o solo, é signal de que
alguma sepultura tem de ser aberta; e quando uiva
basta virar-se o calçado para que cesse.

Quando uma mulher tem difficuldade de dar a luz,
deita-se-lhe na cabeça um chapéo de homem, e a
criança nasce logo.

Para evitar a palestra de algum amolador—espe-
ta-se uma thezoura na parede.

Desejando-se que haja chuva, mata-se um sapo;
e para fazel-a cessar, é bastante ficar um espeto num
cinzeiro.

E miester guardar com muito cuidado o umbigo das
crianças, porque se algum rato o come, ficam ladras.

Para que os recém-nascidos não sejam chupados
pelas bruchas, faz-se um signo de Salomão na por-
ta do aposento.

Se chove e ao mesmo tempo faz sol, é que a rapo-
za se está cazando.

Quando ha eclipse do sol, rufa-se em caixas para
espantar o leão que está comendo a lua.

Na noite de S. João quem rezar—o Padre Nosso
e o Credo, pôde passar descalço por cima de um bra-
zeiro sem queimar-se.

Se um rapaz deseja casar-se com certa dama, na
mesma noite planta um dente d'alho; se este brota
no dia seguinte, o casamento é infalivel.

O vestido do noivado, nunca deve ser tinto de pra-
to, porque se o tingem morre a noiva.

É de máo agouro dormir com os pés voltados para
luz.

Nunca se deve deixar os sapatos emborcados, por
que foge a felicidade.

Não se deve varrer a casa de noute e atirar o cisco
fora, porque enxota a fortuna; e nem se deve varrer
a mesa onde se janta, porque entra em casa o calpo-
rismo.

Vestir roupa pela avessa livra da mordedura de
cão damnado.

ANNUNCIOS

Novidade

Acaba de chegar para o—Bazar da Vista Alegre,—
novo e variado sortimento de chitas, couteiras, lãs e
muitas outras fazendas chitas e modernas; miudezas
novas e tudo quanto se procurar de bom e barato; tem

Raimundo P. Alves Pinto.

G

GRANDE NOVIDADE

José Enéas Cavalcante tem em seu estabelecimen-
to a rua grande, além de muitas fazendas modernas
e uma infinidade de miudezas, muito bom e que
vende em grosso e a retalho; em todos os seus gene-
ros encontrarão os freguezes uma redução de preços
tal, que admira e prazima.

À ELLE FREGUEZES!!!

E' para liquidar

Rodrigo Tiburcio Furtado, recentemente chegado
da capital donde trouxe um variadissimo sortimen-
to, communica aos seus freguezes e ao publico, que
está resollvido liquidar vendendo os seus generos pelo
custo e fazendo todo e qualquer negocio, a dinheiro
e mesmo a prazo.

Nesta typographia se diz quem compra uma vacca,
com cria que seja mansa e leiteira.

Imp. por T. U. Mattos.